

#1 MELHOR AUTOR DO NEW YORK TIMES

PITTACUS LORE

**EU SOU
O NÚMERO
QUATRO**

**OS ARQUINHOS
PERDIDOS**

A TRAIÇÃO DE CINCO

CAPA POR: JOHN DC

OS LEGADOS  DE LORIEN

**OS ARQUIVOS PERDIDOS
A TRAIÇÃO DE CINCO
(PITTACUS LORE)**

TRADUÇÃO: JOHN DC - 2014

REVISÃO: ALLIE FREITAG

TÍTULO ORIGINAL: THE LOST FILES: FIVE'S BETRAYAL

PITTACUS LORE - PITTACUS LORE - PITTACUS LORE - 2014

OS LEGADOS  DE LORIEN

CAPÍTULO UM

ERA UMA VEZ UM LUGAR QUE ERA LINDO, LUXUOSO, CHEIO DE VIDA e cheio de recursos naturais. Algumas pessoas viveram lá por muito tempo, mas então outras vieram e elas queriam ou precisavam de tudo desse planeta. Então elas o pegaram.

Não há nada de especial nessa história. Abra qualquer livro infantil na Terra – e provavelmente em qualquer outro planeta – e você verá uma versão dessa sendo contada continuamente, em *loops*, de novo e de novo. Algumas vezes, a terra é tomada em nome de uma maneira melhor de expandir a vida. Ou pelo bem do povo nativo. Ocasionalmente, o motivo dos que a pegam é baseado em uma razão intangível – algum destino sagrado ou correto. Mas todas essas razões são mentiras. No centro de cada conflito há poder, e quem irá empunhá-lo. É por isso que as guerras são lutadas, e é por isso que cidades, países e planetas são conquistados. E embora a maioria das pessoas – especialmente os humanos – gostam de fingir que ganhar poder é apenas um bônus adicional no topo de qualquer que seja *supostamente* o motivo do conflito, o poder na verdade é a única coisa de que qualquer pessoa quer.

Essa é uma das grandes coisas sobre os Mogadorianos: eles realmente não se importam com as mentiras. Eles acreditam em poder. Até o idolatram. Eles veem o seu potencial para crescerem e servirem à sua causa. Então quando você é alguém como eu quem tem habilidades extraordinárias, você se torna uma das duas coisas para os Mogs: um recurso valioso, ou um inimigo que eventualmente vai ser destruído.

Pessoalmente, eu gosto de ficar vivo.

Os Mogadorianos não fingem que não destruíram meu planeta, Lorien – do qual eu mal me lembro – pela razão da qual eles precisavam dos seus recursos. É o mesmo motivo pelo qual eles estão na Terra agora. Um planeta grande como a Terra vai servir para os Mogs, durante décadas – talvez séculos – antes que eles tenham que sair em busca de outro. E os humanos... bem, não é como se houvesse alguma coisa realmente importante a respeito *deles*. Eles são muito

fracos na maior parte do tempo e estão poucos preocupados em manter o planeta vivo na situação que ele está. Em um dia próximo haverá uma invasão completa em alta escala, e todos os seus probleminhas não vão significar nada, porque de repente eles estarão sendo liderados por uma raça alienígena extraordinariamente poderosa. Mostrando a eles como se vive. Dando a eles motivos para viverem.

E eu serei um de seus líderes. Porque os Mogadorianos viram potencial em mim. Eles me prometeram uma posição como sendo um comandante nas tropas Mogadorianas, como a América do Norte sendo meu reino. Meu parquinho pessoal. E tudo o que eu tenho que fazer é lutar ao lado deles e ajudá-los a capturarem o restante da Garde na Terra. E então eu posso ajudar a Garde a ver que não há outra maneira dos Lorientos derrotarem os Mogadorianos. Eu presumo que foi contado a eles a mesma historinha de sempre, as quais Rey, meu Cêpan, me contou quando eu estava crescendo: que os Mogadorianos eram nossos inimigos.

Mas isso não é verdade. Ou pelo menos isso não *tem* que ser verdade. Não se nos juntarmos a eles.

Depois de ter treinado durante quase toda minha vida, é bom finalmente ter uma missão de verdade; ter um propósito. Não ficar apenas se escondendo e esperando alguma coisa acontecer comigo. Isso me faz *querer* treinar e estudar de verdade, e melhorar, porque no que estou trabalhando agora não é um conto de fadas que Rey me alimentou nos jantares na ilha, mas é um futuro que posso ver.

Eu aprendi muito sobre as razões pelas quais guerras são lutadas e ganhadas nas últimas semanas desde que eu comecei a viver no complexo Mogadoriano, que está em algum lugar no meio de West Virginia. De fato, a maioria das minhas horas de “pesquisas” são passadas em uma sala de interrogatórios que foi convertida em uma sala de estudos para mim, onde eu aprendo sobre as famosas batalhas e conflitos ou leio o Grande Livro, que é sobre a história dos Mogadorianos e sobre como o intelecto e as habilidades deles acabaram com seu planeta e os forçaram a procurar outros mundos para governar e guiar. É sobre como os Lorientos se recusaram a compartilhar de seus recursos ou de ouvir a razão quando se tratava de adotar os Mogadorianos como líderes. É um livro escrito por Setrákus Ra, o governante Mogadoriano invencível, e bem, vamos apenas dizer que se eu tivesse lido ele antes, eu teria um ponto de vista muito mais claro da guerra entre os Mogadorianos e os Lorientos do que eu tive quando estava me escondendo numa barraca em uma ilha deserta. Eu comecei a me perguntar se todas as minhas memórias de ser tão feliz e jovem em Lorient são porque eu era muito retardado

e pequeno para saber o que realmente estava acontecendo. Quero dizer, qualquer civilização que colocam sua esperança num bando de bebês dentro de espaçonaves tem que estar fora do seu juízo normal, certo?

Ethan me ajudou a ver as coisas. Ele tem me ajudado a perceber que eu tenho uma escolha nessa guerra, mesmo que os Anciões não quisessem que eu tivesse uma. Foi estranho no começo descobrir que meu melhor amigo estava trabalhando com os Mogs – e que eu tecnicamente estive sob os cuidados Mogadorianos por quase um ano sem saber – mas eu não posso culpar Ethan por manter segredos comigo no começo. Eu sofri uma lavagem cerebral tão grande pelas histórias do meu Cêpan sobre a Garde triunfando sobre os exércitos Mogadorianos e retornando à Lorien em sua gloriosa forma que eu provavelmente não teria visto a razão se ele não tivesse a colocado na minha frente no começo. Ethan é, o que alguns comandantes Mogadorianos chamam aqui, de um raro exemplo de humano que tem a inteligência de mudar para o lado do time que está ganhando.

Ainda, é muito estranho estar aqui no subsolo. Eu sou, tecnicamente, um convidado de honra de Setrákus Ra, mas eu não provei isso a mim mesmo, ainda. Tudo o que eles têm é minha palavra de que agora estou sendo leal a eles, mas palavras não tem peso de verdade com os Mogs. Eles acreditam em ações e resultados. E é por isso que eu estudo e treino, e espero pelo dia quando eu terei a chance de mostrá-los que sou capaz e estou preparado para liderar em seus nomes. Eu sigo ordens. Porque mesmo que algum dia no futuro eu me torne sem valor para os Mogs, pelo menos agora, eu sou apenas um antigo inimigo vivendo embaixo do teto deles.

Estou enterrado em uma leitura sobre a descoberta da América – particularmente a expansão dos Impérios Europeus pelo país – quando Ethan entra na minha sala de estudos, mostrando seu sorriso que sempre está estampado em seu rosto.

— Boa tarde, Cinco – ele diz.

— Hey – eu digo, fechando o livro que está na minha frente. A chegada de Ethan deve significar que a hora de estudar acabou. Toda minha ansiedade para estar na liderança do Canadá e dos Estados Unidos, estou lendo sobre os ciclos sem fim de guerras que eles participaram, o que é monótono. Pelo menos quando os Mogs liderarem, guerra vai ser coisa do passado. Não haverá exércitos capazes de derrotá-los.

— O que achou da leitura de hoje?

— Houve uma guerra biológica muito suja quando Colombo e os primeiros exploradores chegaram pela primeira vez. Varíola? É meio que loucura isso.

O sorriso de Ethan não muda.

— O começo de cada grande império é manchado com um pouco de sangue – Você não diria que valeu a pena?

Eu não respondo imediatamente. Os olhos de Ethan se estreitam quase que imperceptivelmente, mas eu percebo. Ele está olhando para o único espelho no outro lado da minha mesa. É fácil ver o que ele está olhando. Há outros nos observando. Aqui no complexo Mogadoriano, há *sempre* alguém nos observando.

Eu fico um pouco tenso. Ainda não estou acostumado a estar sobre vigilância constante. Mas é necessário, assim como Ethan me explicou, para que os Mogs possam ver que podem acreditar em mim. Isso só me faz querer dizer coisas que irão impressionar quem quer que esteja nos observando, ou mostrar como inteligente eu sou. Estou ficando melhor em focar meu cérebro nisso.

— Definitivamente – eu digo.

Ethan assente, parecendo agradecido.

— Claro que valeu a pena. Continue lendo este livro amanhã, e me escreva alguns pontos positivos sobre as táticas dos conquistadores.

— Qualquer coisa que nosso Amado Líder exija de mim – eu digo quase como um reflexo. Os primeiros dias que eu estive aqui, eu ouvi muitas vezes isso, e meio que o adotei. Eu provavelmente digo dez vezes no dia agora sem mesmo perceber a metade do tempo.

— Você leu as passagens atribuídas do Grande Livro? – Ethan pergunta.

— Claro que sim. Essas são as melhores partes das sessões de estudo. – Isso é completamente verdade. Os outros livros são chatos e me fazem de repente entender porque os adolescentes como eu estão sempre reclamando sobre o dever de casa nos seriados que eu via antes de vir para o complexo Mogadoriano. Mas o Grande Livro é, bem, incrível. Não é apenas escrito de maneira mais simples que os outros livros, mas também responde a um monte de perguntas que eu tive durante minha vida. Como o porquê dos Mogadorianos terem vindo para a Terra mesmo eles tendo Lorien, e porque eles começaram a caçar os Lorienos uma vez que chegaram aqui, mesmo que ainda houvesse muito pouco de nós. O livro explica que os Lorienos são fracos, porém hábeis, e a crença Mogadoriana diz que mesmo um inimigo vivo lhe dá o poder de recrutar outros e se multiplicar, ganhar fora e um dia se ascender contra você.

Também, é muito sangrento e violento, o que me faz ter muita diversão enquanto leio. Eu poço encená-lo na minha mente como um dos filmes de ação que eu amava assistir quando eu ainda estava em Miami.

— E sobre o que você aprendeu hoje? – Ethan pergunta.

— Sobre como Setrákus Ra bravamente lutou contra os nossos Anciões. Como eles tentaram usar de truques contra ele e de envenenar-lo, mas nosso Amado Líder foi corajoso e melhor do que eles, de todas as formas.

— *Nossos* Anciões? – Ethan pergunta, com um olhar de preocupação no rosto.

Eu corrijo a minha fala.

— Quero dizer, os Anciões de *Lorien*. Isso me deixa mais excitado para encontrar nosso Amado Líder.

Eu não tive o prazer de encontrar Setrákus Ra em pessoa ainda. Aparentemente alguém de um cargo mais alto pensou que não seria uma boa ideia entregar a um cara superpoderoso como eu, em uma audiência com o futuro líder do sistema solar, até que eu tenha me provado.

Ethan sorri e puxa alguma coisa do bolso. Ele o joga em cima da mesa, e ele salta fortemente algumas vezes e então rola. Eu o paro com o meu Legado de telecinese e o levito no ar: uma bolinha de metal quase do tamanho de uma bola de ping-pong.

— O que é isso? – eu pergunto.

— Considere como um presente. Use seu poder nele. Veja qual é a sensação.

Eu flutuo a bolinha até a palma de minha mão. Com um pouco de foco, meu corpo de repente se torna metálico. Eu bato meus dedos na mesa a minha frente, e o som do metal se encontrando com metal enche o ar. Ethan o chama de Externa, a habilidade de assumir a forma de qualquer propriedade que eu tocar. É uma das mais novas habilidades e uma das que provavelmente precisam de maior treino.

Eu dou de ombros enquanto eu quebro uma junta metálica.

— Parece que eu sou feito de metal. Mas eu simplesmente poderia ter tocado a mesa e pegado o mesmo tipo de efeito.

— Mas a mesa não estará com você o tempo todo. De agora em diante, essa bolinha deve estar. Eu não quero ver você no meio de uma batalha com nada além de areia ou papel para assumir as propriedades.

— Obrigado – eu sorrio. Não é definitivamente a coisa mais chamativa ou cara que Ethan ou os Mogs já me deram, mas agora eu posso ver como isso pode acabar sendo útil. Eu jogo a bolinha dentro

do meu bolso, onde ele se estabiliza perto da bolinha vermelha de borracha que eu tenho carregado comigo por muito tempo – uma bugiganga que veio de uma máquina de venda automática para crianças.

Ethan me joga um rolo de papel. Eu empurro alguns livros e abro o papel na minha frente. É um mapa do Hemisfério Ocidental.

— Para que é isso? – eu pergunto.

— Eu só queria ter certeza de que tínhamos todas as informações corretas nele. Para manutenção de registros ou coisas do tipo.

O mapa inclui uma fina linha vermelha de zig zague pelos Estados Unidos e desce até o Caribe. Há datas impressas pela linha.

— Esse é um mapa de todos os lugares em que eu vivi e cresci – eu digo.

— Correto. Apenas dê uma olhada rápida quando tiver tempo. Eu escrevi a maioria das datas baseadas em histórias que você me contou.

— Mas o quão bom essas informações podem ser? – eu digo.

Ethan dá de ombros.

— Apenas para caso a Garde de alguma forma consiga te rastrear e tente te encontrar, nós saberemos onde eles irão procurar. Queremos colocar alguns guardas nesses locais, por precaução.

Eu assinto, olhando pelo mapa. É estranho pensar em eu mesmo sendo um jovem e sem poderes com Rey em todos esses lugares. Ethan vem atrás de mim e olha por cima do meu ombro.

— Onde foi que você me disse que seu Guardião começou a adoecer gravemente? – ele pergunta.

Eu aponto para o lugar onde a linha passa na Pensilvânia.

— Por aqui em algum lugar. Não tenho certeza da onde. Estávamos acampando nas montanhas.

Ethan franze as sobrancelhas.

— Há alguns dos melhores hospitais do país nessa área. Você sabe, se seu Cêpan não tivesse o forçado a se manter escondido na ilha pelo tempo que você ficou, ele provavelmente teria sobrevivido – Ethan diz. — É uma vergonha que ele estava tão cego que ele não pode ver o inevitável futuro do progresso Mogadoriano.

— Ele achou que o ar quente o ajudaria.

— O que ele provavelmente precisava era de alguns antibióticos – Ethan balança a cabeça e cruza os braços. — Apenas estou orgulhoso que você foi capaz de sair da ilha antes que você acabasse ficando louco falando com porcos. Eu ainda não posso acreditar que alguém poderoso e inteligente como você foi esperado a criar aqueles animais nojentos.

Eu sorrio um pouco. Durante as últimas semanas, eu basicamente contei a Ethan tudo o que eu me lembro sobre minha vida. Tudo sobre aquela pequena cabana e os porcos que eu criei e como eu treinei a mim mesmo para usar minha telecinese sozinho. Ele e os outros Mogadorianos pareceram impressionados nessa parte. Como se eu tivesse conseguido me tornar alguma coisa grande mesmo quando todas as cartas da mesa estavam contra mim.

Quando eu olho para Miami no mapa, minha mente volta com as memórias do tempo que eu passei lá antes de Ethan me pegar. Quando eu era apenas mais um rato nojento de rua gastando meus poderes com coisas idiotas como roubar carteiras, totalmente alheio a quanta autoridade a qual eu deveria ter tomado. Houve uma garota. Emma. Minha parceira no crime que se tornou contra mim quando ela viu do que eu era capaz. Quem ficou com medo do que eu poderia fazer ao invés de respeitar minhas habilidades. Eu observo essa memória, e meu estômago embrulha um pouco por que já faz algum tempo que não penso nela. Houve um tempo em que ela era minha única amiga no mundo todo, mas ela só estava me usando, não estava? Eu era o que tinha o verdadeiro talento. Ela só estava andando as minhas custas.

Há uma batida na porta e então um Mogadoriano entra. Um dos mensageiros vatborn e servente do complexo. Eu me levanto da cadeira. Isso é um reflexo. Mesmo eu estando aqui há apenas algumas semanas, ainda estou me acostumando a ver Mogs todo dia. Mais do que isso, eu nunca sei o que eles vão me mandar fazer quando eles aparecem na sala de interrogatórios que tem sido minha sala de estudos ou quando me pegam de surpresa na cama do meu quarto. Pelo que sei eles podem me dizer que eu falhei em algum teste deles que eu nem sabia que estava sendo testado.

— Você não está respondendo ao seu rádio – o Mog diz para Ethan, que está claramente distraído.

Ethan aponta para o pequeno fone de ouvido que está pendurado no seu colarinho.

— Claro que não – ele diz. — Todos os seus superiores sabem que eu nunca uso meu fone de ouvido quando estou com nosso convidado – ele aponta pra mim. — Seria rude.

— O comandante Deltoch requer sua presença na ala de detenção – o Mog diz.

— Eu estarei lá em um minuto – Ethan assente.

— Você e o Lorieno.

Eu fico tenso. O que eles querem comigo na ala de detenção?

— É assim que você daria ordens para um convidado de honra nesta base? – Ethan pergunta. — Que tal, “senhor”?

O Mog parece um pouco apreensivo, mas se vira para mim.

— Senhor – ele diz.

— O dispense – Ethan diz para mim.

— O que? – eu pergunto.

— Você vai ter que se acostumar a dar ordens alguma hora.

Eu olho para o Mog, que está com uma careta feia agora. Eu de repente me sinto estranho. Eu odeio quando Ethan faz isso. Ele está tentando fazer com que qualquer outro na base me trate como um rei ou coisa do tipo. Para quando eu estarei liderando eles no futuro, eu ainda não provei potencial, e a última coisa que eu quero é alguém criando animosidade contra mim.

— Cinco – Ethan diz.

— Está dispensado – eu digo.

O Mog hesita por um momento. Eu presumo que suas ordens eram de nos escoltar até o outro lado do prédio. Eu quase posso vê-lo tentando imaginar quem supera quem em sua mente antes de Ethan pigarrear, e então o servente se vai.

— Conflito de ordens, eu imagino – Ethan diz como se ele pudesse ler minha mente.

— Você acha que eu vou por ele em problemas?

A expressão de Ethan fica séria.

— Você não pode se preocupar com isso. Não se esqueça de quem você é. Quando os Mogadorianos liderarem a Terra, você será um dos comandantes deles. Um líder. Você pode ser novo aqui, mas você é o poderoso Número Cinco. Mostre piedade a eles agora, e eles não vão te respeitar quando você estiver na liderança.

— Eu preciso de uma tabela para manter tudo organizado na minha cabeça.

— Apenas aja como se você estivesse no topo da pirâmide. Agora, me siga – Ethan diz, apontando para a porta à frente. — Vamos ver o que o comandante Deltoch está fazendo com os prisioneiros está tarde.

Ele não me dá tempo para reagir, apenas se vira e abre a porta. Eu não consigo evitar olhar para a parede de frente para minha mesa, onde há uma foto pendurada. É de um cara que parece ser um pouco mais velho que eu, com longos cabelos pretos. Ele é como um atleta – mais sarado do que eu jamais fui em toda minha vida. Ele parece convencido. Ele está correndo na foto e parece estar despreocupado sobre poder estar sendo fotografado. Eu não o conheci ainda, mas eu sei que ele está aqui na base comigo. Preso. Eles tentaram torturá-lo, mas não funcionou. Ele está protegido pelo feitiço, como eu. Pelo feitiço que foi posto a nós quando éramos crianças para manter-nos protegidos até nosso número chegar.

Ele é o Número Nove.

Os Mogadorianos querem que eu o mate. Ele é o sangue que deve ser espalhado por mim para que eu avance.

Ele é minha prova de lealdade.

CAPÍTULO DOIS

POR UM LONGO PERÍODO, A COISA QUE EU MAIS TEMI ERA SER deixado para trás. Sozinho em uma ilha do Caribe. Deixado para trás enquanto o restante da Garde estava junto sem mim. Isso não era exatamente útil quando eu também estava com medo de me aproximar das pessoas demais e elas descobrirem meu segredo: que eu não sou humano. Eu tive uma vida miserável por causa disso. Realmente.

Até eu conhecer Ethan. Até os Mogs me acolherem. Agora eu não tenho mais preocupações sobre ser deixado. E eu definitivamente não vou mais me sentir sozinho. Seria impossível: há mais de mil de nós vivendo juntos na base de West Virginia.

O complexo que os Mogs têm aqui é talvez a estrutura mais incrível na Terra, mesmo que alguns humanos nunca viram o interior. Está escondida em uma montanha oca, e é tão vasto e cheio de túneis e cavernas que eu duvido que alguém já tenha visto todos os lugares. Eu passo a maior parte do meu tempo flutuando pelos corredores e pelas rochas, e eu acho que eu já vi apenas uns vinte desses.

Aqui quase tudo é Mogadoriano – os soldados e serventes vatborn, e os comandantes trueborn – mas há alguns humanos úteis. A maioria não é por escolha, com exceção de Ethan, e há homens e mulheres com ternos pretos e trajes militares os quais eu encontro pelos corredores às vezes.

E há outro Lorieno. Nove.

Eu sigo Ethan pelo salão principal da caverna, flutuando alguns centímetros acima dele porque voar é uma ótima prática e Ethan diz que lembra os outros de que eu sou poderoso. Eu não me importo, porque é mais fácil do que andar. Há dúzias, talvez centenas de Mogs pelos quais passamos enquanto vamos em direção às celas. Eles param de andar e dão um passo para lado enquanto eu passo por eles, me encarando. Alguns deles cumprimentam por respeito, sabendo que um dia eu serei um dos poderosos da linha de frente. Outros me olham com ceticismo. Eu posso sentir seus olhos sobre mim enquanto eu voo por eles.

A única coisa realmente irritante na base é a coisa verde escaldante que flui pelo complexo inteiro, e acaba no rio do hall principal. É algum tipo de recurso de energia para os Mogs, Ethan disse, mas se você tocar, ele irá devorar sua pele como um ácido, (ou pelo menos é o que eu ouvi – eu não fui idiota o suficiente para tentar essa teoria e descobrir a resposta). O que quer que seja tem cheiro de enxofre e cocos estragados. Enquanto passamos pelo hall principal, o cheiro está pesado no meu nariz, e eu faço umas caretas.

— Por que acha que fomos chamados? – eu pergunto a Ethan.

Ele dá de ombros.

— Talvez o Comandante Deltoch ache que está na hora de você pegar seu lugar na liderança.

Como um comandante, Deltoch é um que ocupa um dos mais altos cargos da base. Ele faz relatórios para o General Sutekh e às vezes para nosso Amado Líder diretamente. Ele também se tornou meu guardião *de facto* – uma pessoa que Ethan reporta e quem eu presumo que esteja do outro lado do vidro me observando enquanto eu estudo na maior parte do tempo. Ele é um Mog trueborn agressivo – eu aprendi que isso é algo a ser tratado com orgulho por aqui – e ainda é extraordinário em me dizer que eu não me *pareço* nenhum pouco com um soldado aqui. Ele nunca disse explicitamente que talvez eu seja um pouquinho tenebroso, mas é quase certeza isso que ele pensa. Eu sempre estou um pouquinho no encalço de Deltoch. Eu não consigo evitar querer impressionar ele toda vez que o vejo.

Pelo que percebi, a área de detenção é um dos lugares que eu não tenho permissão para ir dentro da base. Eu apenas vi as primeiras celas. Ethan diz que é porque ele não quer que eu machuque Nove ainda. Eles ainda estão tentando descobrir uma maneira de força-lo a contar tudo o que ele sabe sobre a Garde – e, além disso, desde que sua morte se tornou importante, deve ser comemorada. Eu me perguntei várias vezes como seria ficar aqui aprisionado, como Nove. Passar o dia todo numa cela fria de tijolos. Parece terrível. Mas então eu lembro que não tenho que me preocupar com isso. Eu escolhi me unir aos Mogs – servir a causa deles para poder me elevar. Eu tenho certeza que os outros aqui, tiveram a mesma chance. Eles apenas não aproveitaram. E para que? Os prisioneiros humanos realmente pensam que sua resistência aos Mogadorianos significa alguma merda nesse jogo? Que eles não são nada além de uma partícula de poeira no que será o vasto império Mogadoriano? Talvez eu teria pensado primeiro, mas não depois de ver os recursos e a força deles com meus próprios olhos.

Nós passamos por várias fileiras de celas na ala de detenção, as entradas barradas e pulsantes com algum tipo de campo energético

azul. Eu mantenho minha visão ali e aqui, tentando ver algum sinal de Nove, e acabo sem sucesso. Dentro delas estão os fracos e impenitentes inimigos dos Mogs. A maioria deles são humanos que chegaram muito perto de descobrir o que estava acontecendo ao redor deles, na Terra e se recusaram a parar de procurar, ou que desobedeceram ordens. Os traidores estão aprendendo uma importante lição sobre respeitar seus superiores – uma que eles não vão esquecer quando forem soltos de volta no mundo real, é o que Ethan diz que mais acontece com aqueles que percebem o erro das suas escolhas. Alguns são objetos de testes e outros são pessoas que de alguma forma estão relacionadas com os Lorientos – eu ouvi que ainda há alguns Recepcionistas em cativeiro, aqueles cujo trabalho e função eram apresentar aos Lorientos a vida na Terra. Nem todos foram espertos como Ethan. É difícil imaginar que ele poderia estar em uma destas celas se ele não tivesse visto a chance vitória iminente dos Mogadorianos.

Deltoch está parado na porta. Ele é bem mais alto que eu e é bem forte, parece um gigante que foi empurrado para dentro de um uniforme preto sinistro. A pele dele é pálida, e seu cabelo é um reluzente jato preto puxado em um rabo de cavalo para trás. Tatuagens pretas circundam o cabelo até seus olhos, que parecem duas bolas gigantes pretas.

— Estou grato que você pode se juntar a nós – ele diz ao que me aproximo. Ele lança um olhar para Ethan e rosna levemente, apesar do papel de Ethan como meu recrutador e mentor, eu não acho que Deltoch tem sido um grande fã sobre termos um humano percorrendo a base e mostrando tanta autoridade.

— Qualquer coisa por nosso Amado Líder – eu digo.

— Nossas tardes geralmente são usadas para expandir os poderes de Cinco para o bem de Mogadore – Ethan diz, o que eu reconheço como sendo seu jeito de perguntar por que fomos ordenados a vir para esse lado do complexo.

Deltoch estreita os olhos um pouco.

— Eu presumo de que você deveria estar fazendo alguma coisa muito importante, já que demorou tanto para chegar aqui.

Eu começo a pensar numa resposta, mas Ethan responde por mim.

— Ele estava apenas lendo o Grande Livro – ele diz, sorrindo. — O que poderia ser mais importante do que as palavras do nosso Amado Líder?

Deltoch dá um sorriso de uma maneira que possa mostrar todos os seus dentes cinzas de tubarão. Não é exatamente uma expressão feliz.

— Você está aqui porque o sábio Setrákus Ra está *ansioso* para que Cinco possa se provar leal aos Mogadorianos.

— Estamos ansiosos para que ele ocupe o seu lugar legítimo como membro das tropas de comando – Ethan diz. — Mas essas coisas levam tempo, e eu tenho certeza—

— Cinco – Deltoch diz, ignorando Ethan. Ele dá um passo para o lado e aponta seu dedo fino e grande para uma das celas. — Você gostaria de ver o poder do Garde?

Ethan começa a protestar, mas eu assinto.

— Sim, senhor.

Eu vou em direção ao campo magnético azul e observo. Há um prisioneiro dentro, esticado numa pedra suja que serve como cama. O cara está sem camisa, seus músculos estão pulsantes embaixo de uma camada de suor. Seu cabelo longo e preto está espalhado no seu rosto. Seus olhos estão fechados, e seus lábios movem devagar, como se ele estivesse meditando ou dizendo algum tipo de oração.

Número Nove.

— Ele não fala quando está consciente, mas às vezes fala dormindo – Deltoch diz. — Foi assim que descobrimos seu número.

Alguma coisa dentro de mim se agita enquanto observo Nove. Não pena, nem irmandade, mas algo inquietante. Um tipo de medo. Quando os Mogadorianos me recrutaram, eles me deram uma pasta com uma foto do Número Nove dentro. Ele é a minha vítima, o sangue que tenho que derramar para provar minha lealdade ao progresso Mogadoriano. A única coisa é que, eu nunca matei ninguém antes. Eu tive dificuldades em matar alguns animais na ilha com Rey. E lá no fundo estou com medo de que quando a hora chegar e eu finalmente for mandado para acabar com a vida de Nove, eu não serei capaz de fazê-lo.

Agradecidamente, o que quer que a mágica que os Anciões jogaram em nós faça quando éramos crianças, e que ainda está ativa, não há como eu matar Nove fora de ordem. Pelo menos, nenhuma maneira que os Mogs saibam. Se há uma maneira de desfazer o feitiço que nos protege, a resposta provavelmente morreu com Rey ou com os Anciões. Eu não tenho ideia de como quebrar o feitiço.

— O que você acha? – Deltoch pergunta. — A fome de poder está crescendo dentro de você? Você está pronto para avançar para o próximo estágio e ascender no poder junto conosco?

Meu estômago afunda. Eles me *trouxeram* aqui para matar Nove. Eu engulo seco e tento parecer firme.

— Parece que você ficou pálido de repente Cinco? – ele diz, com sua voz em um tom mais baixo.

Eu não respondo. Não consigo tirar meus olhos de Nove. Outro Garde. É a primeira vez que eu o vejo em pessoa ao invés das fotos que tenho penduradas na minha sala de estudo. Ele está mais baixo do que na foto – um efeito colateral muito claro de tudo que eles têm dado para ele comer, ou do que ele não comeu, presumo – mas ele ainda tem uma forma física enorme. Fortão. Deltoch obviamente notou isso, porque ele rapidamente começa a falar.

— Ele conseguiu ficar numa forma incrivelmente formidável apesar do fato de ele ser um prisioneiro – ele diz, não se importando em olhar para minha forma física não atleta. — Foi me dito que ele passa a maior parte do tempo se exercitando na cela.

Eu mudo de assunto.

— Porque ele não usa seus poderes para escapar? – eu pergunto.

— Ele tentou, muitas vezes. – Deltoch diz apontando para o campo magnético azul. — Mas nós aprendemos a mantê-lo sob controle.

— Talvez ele esteja apenas esperando pelo momento certo para escapar – eu digo.

Deltoch range os dentes.

— Venha comigo – ele diz, virando a cabeça e indo mais adentro no corredor das celas. Eventualmente, chegamos a uma sala que parece metade sendo uma sala de interrogatórios e metade laboratório. Há correntes penduradas no teto e macas cinzas num canto, e algumas mesas do outro lado. A sala cheira à alvejante.

— O que é esse lugar? – eu murmuro.

— Essa é a sala onde o destino de nossos prisioneiros é decidido – Deltoch diz. — Onde eles escolhem a servir os Mogadorianos e oferecer suas habilidades, ou onde condenam a si próprios a ficarem em celas por tempo indeterminado.

Eu olho para Ethan, mas seus olhos estão fixos em Deltoch. Normalmente Ethan sabe de tudo que está acontecendo na base – ou pelo menos ele sabe quando eu estou envolvido – mas agora ele parece tão confuso quanto eu sobre o porquê de estarmos aqui.

— Muitos soldados corajosos deram suas vidas nessa sala quando Nove chegou pela primeira vez, ao testarem o poder da mágica lórica que o protege – Deltoch diz, passando seus dedos sobre uma bandeja de bisturis cinza. — Foi *assim* que eles se provaram leais ao império Mogadoriano.

— E ficou tudo bem para você desperdiçar soldados assim? – eu pergunto.

— Não consideramos como desperdício – o comandante tem um tom de raiva na voz agora. — É a maior forma de honra, morrer pela causa Mogadoriana. Além disso, o feitiço Lórico não é uma coisa que

entendemos completamente. Não tínhamos certeza se seria possível enfraquecê-lo até quebrá-lo completamente. Era uma possibilidade que não pudemos ignorar.

— Mas vocês não conseguiram acabar com ele – é mais uma afirmação do que uma pergunta que sai da minha boca.

— Não – Deltoch franze as sobrancelhas. — Não importou o quanto tentamos. E Nove não disse uma palavra. Ele apenas riu enquanto um dos nossos melhores homens morria na frente dele – sua expressão muda e se torna quase de agradecimento. — Mas o Cêpan dele falou.

— O quê? – pergunta Ethan. Aparentemente é novidade pra ele também.

— Isso é informação confidencial – Deltoch diz, dando de ombros para Ethan.

— Sobre o Cêpan dele? – eu pergunto — vocês o têm aqui também?

— Nós tínhamos – Deltoch responde. — Mas o Número Nove o assassinou.

Minha boa cai.

— *Ele o que?*

— Seu Cêpan era espero. Ainda estávamos tentando negociar para Nove e seu guardião terem a chance de se juntar a nós. O Cêpan dele ia falar – fazer um acordo conosco – e quando Nove descobriu, ele assassinou o lorião a sangue frio.

Deltoch pega alguns arquivos do laboratório e me entrega.

— Veja você mesmo – ele diz.

Eu abro a pasta e sou surpreendido com muitas fotos – de uma câmera de segurança da mesma sala em que estamos. Apenas nas fotos, há duas figuras. Uma parece com um homem velho. Ele está pendurado no teto de ponta cabeça por algemas presas nos seus tornozelos. Há sangue por toda parte. Nove está ao lado dele, empunhando um punhal.

— É minha culpa, na verdade – Deltoch diz. — Eu deixei os dois na sala sozinhos e presumi que Nove teria o senso da lealdade. Obviamente eu estava errado. O Garde usou seus poderes para quebrar suas correntes e atacou os dois guardas mogadorianos que estavam na sala. Demorou alguns minutos antes de conseguirmos entrar novamente, mas ele não precisou de muito tempo.

Eu folheio as fotos. Elas são como um slide, e eu vejo Nove chegar cada vez mais perto do seu Cêpan, segurando a arma do crime. E então finalmente, ele enterra a lâmina no peito do seu guardião. Nas próximas fotos, Mogs aparecem e o arrastam dali, mas o dano já foi feito. Nove luta contra os guardas, rangendo os dentes, e então ele é

levado embora. A última foto tem apenas o Cêpan, pendurado de cabeça para baixo. Sozinho. Sem vida.

Minha memória volta até Rey, morrendo na nossa pequena barraca na praia. Claro, não ficávamos juntos o tempo todo, e ele era provavelmente um pouco louco, mas eu não posso me imaginar matando ele. Ele foi a pessoa que me criou. Sempre foi me ensinado para pensar que a Garde eram pessoas santas – que nós tínhamos que ser perfeitos para nosso planeta ter a chance de ser ressuscitado. Que os lorientos eram pacíficos, uma raça inerentemente boa, enquanto os Mogadorianos eram malvados e cruéis. Me traz um pensamento de que isso era mais propaganda. Que os lorientos provavelmente não eram muito diferentes deles, além do fato de que os Mogadorianos não fingirem serem o que não são. Ethan sempre diz que a história é subjetiva, e que a história que eu conhecia era apenas o lado lórico das coisas. Além disso, agora que eu senti o poder que vem com os meus Legados e como é boa a sensação de ver que as pessoas notam potencial em mim, eu não posso imaginar Lorient como a utopia que Rey criou.

— Você me trouxe aqui para matá-lo? – eu pergunto.

— Ainda não – Deltoch responde. — Não até nós descobirmos uma maneira de quebrar o feitiço. Não há maneiras de saber o que poderia acontecer se um Garde tentasse matá-lo, e não queremos perder nossa arma secreta: você.

— Seu bem mais valioso – Ethan diz para o Mog.

— Exatamente – Deltoch diz. Ele gesticula para as fotos. — Mas quando a hora chegar tome cuidado. Ele é desequilibrado. Ele mal pode ser considerado como uma forma de vida inteligente no momento. Apenas um animal. Eu imagino que ele não pensaria duas vezes em te matar se tivesse a oportunidade.

Eu volto a olhar as fotografias. *Um animal*. Olhando para o olhar maníaco nos olhos de Nove enquanto ele berra – sangue de seu Cêpan nas mãos – eu acredito.

Tudo o que eu consigo pensar é que ele é um idiota que preferiu assassinar e ser preso ao invés de escolher a oportunidade que eu escolhi. Nove deve ser muito idiota.

E um dia esse animal engaiolado será meu ingresso para o topo.

CAPÍTULO TRÊS

DEPOIS DE VER NOVE EM AÇÃO – PELO MENOS POR FOTOS – DELTOCH insiste para que eu leve os restos dos arquivos que os Mogs têm sobre ele para que eu possa estudá-lo melhor. — Conheça seu inimigo – ele diz, e então ele cancela minha tarde de treinamento com Ethan enquanto eu volto para minha sala no outro lado do complexo. O lugar que eles fizeram para mim aqui na central Mog não é tão bom quanto o lugar que eu tinha na casa de Ethan em Miami, mas até que é bom. Eu nunca saberia que estaria um quilometro e meio de distância dentro da montanha se não fosse pelo fato de que todas as paredes são feitas de pedras. Eu tenho uma cama de rei, uma TV *gigante*, e um arsenal de jogos de vídeo game que eu nunca havia visto antes – simuladores de batalhas Mogadorianas que têm um gráfico que qualquer geração próxima de vídeo games mataria para ter. Os Mogs o arranjaram para mim porque Ethan disse a eles o tanto de tempo que eu passava jogando vídeo game na Flórida. Eles não são nada parecidos com quaisquer coisas que eu já joguei antes – uma estranha combinação de missões governamentais e militares. Me levou um tempo para aprender como jogá-los porque eu estava acostumado a jogar jogos onde você ganhava pontos baseados no tanto de dano colateral que você causasse. Mas eu estou ficando muito melhor.

Com os arquivos de Nove em mãos, eu ignoro todos os eletrônicos e as outras coisas que os Mogs me deram e vou direto para minha cama. Lá, eu espalho os papéis e relatórios do Nove. Ethan me disse que Nove vivia no luxo em Chicago, mas eu descubro que isso é especulação baseado nas informações que eles conseguiram juntar sobre Nove e de uma namorada dele, que estava trabalhando com os Mogs por um tempo. Na verdade, eles não sabem onde ele morava na cidade.

Uma das coisas inclusas no arquivo é uma transcrição de um interrogatório com o Cêpan de Nove que os Mogs digitaram para mim. Ele diz que Nove vivia uma vida boa. Ele nunca pedia nada, ele ia e fazia o que queria. Por um lado, eu não estou surpreso ele ter acabado

em uma cela mogadoriana, mas por outro lado, minha inveja sobre como ele cresceu comparado a como eu cresci queima em algum lugar dentro do meu peito. Eles até têm algumas citações do Cêpan dele sobre como Nove era um garoto popular na escola que tinha garotas o seguindo por todos os lados e vivia como uma miniatura de rei no campus. Enquanto isso eu estava comendo cocos na praia como almoço e suando até a morte no Caribe.

No fim do interrogatório há uma breve seção onde o Cêpan dele discute como os Anciões decidiram nossos números:

Não foi aleatório. Todas as ordens tiveram razões. Os Anciões julgaram quem eles achavam que eram os mais fortes e mais sábios – aqueles com mais potencial – e os deixaram para o fim. Os primeiros eram nada mais do que munição para o canhão. Os Cêpans deles foram instruídos a se manterem escondidos a qualquer custo para que assim os de maior importância pudessem se manter seguros. Além disso, o Garde não poderia morrer se seu número não chegasse. Eu sempre me considerei sortudo por ter pegado o último número. Nove raramente pensou sobre qualquer um sendo mais baixo que ele a menos que para um ponto de vista tático: foi sempre dito que se a Garde se juntasse para lutar, Nove seria o que iria liderá-los.

Eu tenho que parar de ler. Minha cabeça lateja, e de repente, eu mando os arquivos flutuando para o outro lado da sala através de uma onda de telecinese. Eu abro minha Arca Lórica que fica do lado da minha cama. Minha coisa preferida de dentro dela – a única coisa que eu aprendi a usar – é uma lâmina escondida dentro de uma manopla. Eu uso meus poderes para levitá-la, tirando a faca escondida de dentro dela. Ela espeta a folha de papel com o interrogatório do Cêpan e então se prende na parede de pedra do quarto. Eu começo a vasculhar minha Arca, o que realmente me ajuda a focar e a me acalmar, mas não desta vez. Estou muito cansado. Então eu me jogo na cama e estralo meus dedos para aliviar a raiva que sinto dentro de mim. Então é isso que Nove pensou sobre nós – sobre *mim*. Que eu era sem valor. Que eu era alguém que ele comandaria no futuro. Bem, o feitiço se virou contra o feiticeiro, Nove. Porque agora você é o que está escondido, e eu sou a pessoa com todo o poder. Eu sou o que irá controlar todo mundo.



Ao longo das próximas semanas, eu continuo minha rotina diária de estudos, de treinamento e de aprendizado sobre a cultura Mogadoriana. Toda vez que eu vejo a foto de nove na minha sala de estudo, eu fico frustrado e irritado quando penso nos arquivos – nele e no seu Cêpan desvalorizando os números baixos, como sendo fracos. Eu tenho trazer isso para meu treinamento, como quando Ethan me leva para uma sala vazia para treinarmos meus Legados. Ethan coloca uma caixa na mesa

de metal que está no meio da sala, enquanto uso minha telecinese para endireitar todas as cadeiras para então empurrá-las para longe.

— Sua habilidade de mover coisas com a mente realmente progrediu em ambos os requisitos, força e sutileza – Ethan diz. — Os comandantes mogadorianos e eu estamos muito impressionados.

— Obrigado – eu digo com um sorriso. — Eu *tenho* ficado muito bom em mover pedregulhos pelos túneis.

— Claro – ele assente. — Então hoje quero que você foque no Externa. Particularmente, na velocidade em que você pode mudar de forma e no tempo em que você consegue se manter nelas.

Isso parece fácil demais. Eu fiquei bom em adquirir a forma das propriedades das coisas que eu toco. Eu coloco as mãos no bolso, onde meus dedos encontram a bolinha vermelha de borracha. Minha pele estica, e meus dedos se alongam, como os dedos que as pessoas que nunca viram um alien esperam que eu tenha.

— Vamos treinar.

Ethan começa a jogar coisas em mim para a esquerda e para direita da caixa que ele trouxe com ele, mal me dando tempo para que eu possa mudar de forma antes de meu corpo se redefinir para mudar novamente. Eu seguro um livro encadernado com couro, e minha pele fica dura. Eu pego uma pedra branca lisa, e então viro uma estátua ambulante.

— Excelente – Ethan diz. — Mas você pode fazer isso enquanto voa?

Sem responder, eu flutuo no ar e continuo a mudar de forma enquanto Ethan joga mais e mais objetos para mim. Nós treinamos assim por alguns minutos, e então de repente eu começo a ficar cansado – eu nunca sobrecarreguei meus Legados antes. Mas eu não mostro cansaço. Eu penso sobre o Cêpan de Nove e como ele pensou que os números altos seriam melhores que eu, e passo sobre a fadiga, rangendo meus dentes e me imaginando parado na frente de Nove enquanto ele me pede piedade.

Ethan joga para mim uma coisa pequena e brilhante a qual eu pego com minha telecinese e a flutuo até minha mão.

— Se transforme na pedra, não no metal – Ethan diz enquanto eu a flutuo pelo ar. Eu não entendo até eu perceber que tenho um anel de diamante na palma da mão.

— Sem problemas – eu digo, tocando a gema com o meu dedo. Minha pele se torna dura e brilhante. Os meus dedos estão completamente lustrados. Eu flutuo até a mesa de metal e levo uma de minhas unhas sobre a superfície, gravando o número 5 nela.

— Agora sim, *isso* pode se tornar útil – eu digo.

— Claro – Ethan diz. — Se você quer ser o alvo de cada arma na batalha. Sua pele está muito brilhante. Seria impossível não chamar a atenção. Mas mantenha essa forma agora. Vamos ver quanto tempo você aguenta.

Eu movo meus braços em frente de mim e observo a luz forte que emana deles, refletindo na sala toda.

— Eu acho que eu conheci algumas pessoas em Miami que me cortariam em pedacinhos e me venderiam por milhões se eles pudessem me ver agora.

Quanto mais eu me concentro enquanto toco a pedra, mais brilhante meu corpo fica e mais rígida minha pele se torna. Mas isso dá trabalho. E quanto mais eu foco, mais minha cabeça começa a latejar, e eu começo a sentir que estou perdendo o controle do meu corpo. Na primeira vez que eu desenvolvi a Externa, eu estava tão aterrorizado achando que eu nunca seria capaz de voltar à forma original que eu tinha antes. De repente, aquele mesmo medo me atinge novamente, e meus batimentos cardíacos junto com minha respiração aumentam rapidamente.

Eu devo parecer que estou com medo, porque Ethan diz “— Cinco, se acalme, garotão” – e sua voz é calma e equilibrada. Ela se parece com a voz que ele usa quando está preocupado.

Então eu respiro fundo algumas vezes, fecho meus olhos e deixo o anel cair no chão enquanto meu pé se encontra com o piso de pedra novamente. Eu fico com os olhos fechados por alguns segundos e apenas me concentro no meu corpo normal e em como eu quero ter ele de volta. Quando eu abro os olhos novamente, meus dedos estão da cor da minha pele original e macios. Estou de volta. Mas minha cabeça ainda lateja.

— Ow – eu digo, levando minha mão até minha têmpora direita.

— Dor de cabeça?

— Sim.

— Vou pegar para você um pouco de aspirina – Ethan diz. — Mas, cara. Isso foi incrível. É nisso que vamos focar o seu treinamento a partir de agora.

Eu penso em Nove, e como Deltoch pensa que eu não pareço com um soldado.

— Estou bem – eu insisto. — Posso continuar.

— Eu não quero que você se machuque.

Ethan deve pensar que eu sou fraco também.

— Eu não sou uma *criança*, Ethan – eu digo. — Eu sou um loriemo superpoderoso e o cara que vai ser o comandante da tropa

Mogadoriana que vai liderar esse país. Se eu digo que posso continuar, eu posso.

Ethan parece um pouco chateado. Antes que ele tenha a chance de dizer alguma coisa, a porta se abre com um estrondo, e o comandante Deltoch entra. Uma expressão de raiva surge no rosto de Ethan enquanto ele se vira para seu superior.

— Comandante – ele diz, fazendo uma pequena reverência com a cabeça — a que devemos o prazer?

— Suas necessidades, Ethan – o Mog diz. — Relatórios para a Central de Comando.

Ethan move as mãos em minha direção. — Venha junto comigo, Cinco. Você deve voltar para seu quarto e descansar.

— O Lorieno fica, eu tenho uma surpresinha pra ele.

Há um momento quando Ethan e Deltoch se encaram desafiando um ao outro. Deltoch deve ter ganhado, porque Ethan dá de ombros, me lança um olhar de despedida e sai da sala. Assim que ele sai, sou deixado sozinho com o comandante Mogadoriano. Eu não percebo o quão estou acostumado ficar sem o Ethan do meu lado até ele sair.

Eu me pergunto se hoje é o grande dia. Se eles irão me levar para matar o Nove.

— Cinco – Deltoch diz, rangendo os dentes. — Como está seu treinamento?

— Está ótimo – eu digo, assentindo freneticamente, o que apenas faz com que minha cabeça doa ainda mais. Mas eu ignoro isso. — Eu posso mostrar se você quiser.

Eu pisco, e fazendo isso, todas as cadeiras voam debaixo da mesa, giram ao redor da sala no ar, e então voltam para de baixo da mesa. O que quer que Deltoch tenha reservado para mim, eu sei que preciso impressiona-lo. Mostrar a ele que eu estou indo bem e que estou pronto para dar o próximo passo.

Deltoch sorri um pouco, mas ele não parece impressionado de verdade.

— Um belo truque – ele diz. — Tenho certeza de que nossos inimigos vão morrer de medo quando eles virem nosso enorme exército de cadeiras e mesas sobrevoando suas cidades.

— Eu posso mover outras coisas – eu digo, me sentindo estúpido. — Algo maior. Um monte de espadas ou coisa do tipo.

— O que eu tenho em mente para você hoje é um pouco mais interessante. Um verdadeiro desafio. Venha, me siga.

Nos movemos em silêncio pelo complexo. Eu voo, ele anda. Vamos em direção à entrada da frente que leva para uma área arborizada que está nos cercando do resto do mundo. Eu não sou proibido de ir lá

fora, mas por precauções e várias aprovações que eu tenho que receber caso eu queria passar um dia fora da caverna são muitas, então eu quase não faço. Além disso, eu sou mais aquele tipo de pessoa que gosta de praias, e é frio aqui em West Virginia. Eu cresci em lugares com o clima quente.

A entrada do complexo é camuflada e bem guardada. Soldados nos cumprimentam assim que passamos, e então estamos apenas caminhando dentro da floresta, e eu estou completamente perdido no que estamos fazendo. Eu mal posso voar aqui, com todos esses galhos caindo – eu tenho que abaixar várias vezes – e assim que eu começo a ficar sem fôlego enquanto andamos, o que eu tento esconder respirando o mais devagar possível.

— Onde estamos indo? – eu pergunto, nuvens de geladas de ar saindo da minha boca.

— Eu te disse que é uma surpresa.

Eu tento descobrir por que Deltoch se arriscaria a entrar em problemas por minha causa. Isso é algum tipo de estratégia para que eu possa me exercitar mais, ou ele está me levando para a floresta para me ensinar algum modo novo de luta Mogadoriana que requer um espaço ao ar livre? Será que ele está me levando até Nove? Eu coloco minhas mãos nos bolsos e deixo meus dedos chegarem perto da bolinha de metal, por precaução.

Mas eu descubro que não é nenhuma dessas coisas assim que chegamos mais perto. Parada na luz do sol de inverno está a última pessoa que eu esperava ver aqui.

Emma.

CAPÍTULO QUATRO

LEVO UM SEGUNDO PARA PERCEBER QUE EMMA ESTÁ DE FATO AQUI E de que não é um algum tipo de holograma ou androide, ou coisa do tipo. Mas é realmente ela. Eu posso dizer isso porque hologramas não deixam pegadas no chão enquanto eles balançam para frente e para trás nervosamente, e androides não choram.

Emma parece estar aterrorizada.

Eu realmente não posso culpá-la. Ela provavelmente *deveria* estar aterrorizada. Ela cresceu um pouco dentro do último ano que eu não a vi, quando ela bateu na minha cabeça com um cano de metal na noite daquele serviço – à noite em que Ethan me pegou. Quando estávamos percorrendo pelas praias como bandidos de meio período, seu cabelo preto estava sempre amarrado para trás em um pequeno rabo de cavalo, mas está sob seus ombros agora, com uma parte caindo para trás, nas costas. Ela está usando uma calça de pijama cor-de-rosa e uma camisa branca, o que me leva a presumir que ela foi capturada durante a noite. Alguém teve a ideia de colocar nela uma das capas Mogadorianas, o que praticamente a engoliu.

Ela não deveria estar esperando me ver, porque quando eu saio das árvores e me ponho à vista, ela congela, sua expressão mudando para um estado de choque.

— C-Cody? – ela murmura com seus lábios tremendo. Eu não sei se é porque está frio, ou se é por outro motivo.

Já faz um bom tempo que eu não uso esse nome, e me demora um segundo para perceber que ela está se referindo a mim.

— Oi, Emma. – eu murmuro.

Eu não sei o que fazer ou o que falar, ou até mesmo o que sentir – por que esta garota foi tirada da Flórida e trazida para West Virginia? Meu primeiro instinto é ir até ela, mas há um olhar nos seus olhos que me impedem. Eu reconheço como sendo um olhar de confusão e raiva. O mesmo olhar que ela tinha em Miami quando ela me chamou de aberração. Bem antes de ela tentar acabar com meu cérebro.

Eu me viro para Deltoch, que está emergindo das árvores agora. Quando Emma o vê, ela se assusta um pouco e dá alguns passos para trás. Obviamente ela teve uma péssima experiência com Mogadorianos durante o último dia, pelo menos.

— Ótimo, nós *encontramos* a garota certa – ele diz. — Você ficaria surpreso com a dificuldade que tivemos de rastreá-la. Depois da noite infortuna no armazém, ela junto com a sua família, praticamente desapareceram.

— O que está havendo? – eu pergunto.

— Antes de você ficar hábil para começar sua nova vida como um vitorioso da causa Mogadoriana, você terá de acabar com todas as coisas do seu passado.

Eu não digo nada. Apenas me viro para Emma e a encaro. Ela ainda parece assustada, mas suas mãos estão coladas na cintura. Eu a conheço muito bem para dizer que agora ela está tentando descobrir uma maneira de escapar dessa situação. Ela é uma guerreira. Droga, da última vez que eu a vi ela me deu uma contusão.

— Como você soube sobre ela? – eu pergunto.

— Os relatórios do Ethan sobre você estão sendo rigidamente rigorosos, a partir de agora – Deltoch diz. Eu devo parecer estar surpreso por isso, porque eu deixo soltar um quase sorriso. — Vocês dois talvez tenham uma relação próxima, mas a razão pela qual Ethan encontrou você em primeiro lugar foi graças ao nosso Amado Líder e sua vontade e entusiasmo em te recrutar. Você estaria errado se por um momento pensasse que seu futuro foi garantido por Ethan e não pelo nosso poderoso Setrákus Ra. Ethan é seu amigo porque ele recebeu ordens para ser.

Eu sei que Ethan trabalha para os Mogs, mas eu acho que nunca pensei nele como um cara que faz relatórios para eles sobre mim. Pelo menos não sobre coisas desnecessárias sobre mim como o meu passado em Miami. Mas eu li os arquivos que os Mogs têm sobre Nove, então acho que não deveria ficar surpreso.

Ainda, de algum jeito parece uma traição de confiança, e eu queria que Ethan estivesse aqui para me dizer que não é verdade. Eu sei que ele mentiu pra mim quando nos conhecemos, mas aquilo foi para o meu próprio bem. Eu acho que eu presumi que ele não *estaria* mais fazendo relatórios sobre mim dessa maneira aqui na base.

Esse pensamento me irrita.

— No fim do dia – Deltoch continua, — Ethan é apenas humano. Essa é sua maior fraqueza. Os humanos não têm nosso senso de disciplina ou lealdade. Fará bem a você se lembrar disso. Os humanos estão aqui para nos servir, mas ele está te atrasando.

— Como?

— Ele não acha que você está pronto para se tornar um comandante.

Eu fico um pouco boquiaberto – Ethan não acredita em mim? Isso não pode ser verdade.

— Por que ela está aqui? – eu pergunto, me virando para Emma. Eu ainda não estou entendendo o que está acontecendo.

— Por favor – Emma diz, — eu apenas quero voltar para casa. Eu não quero estar aqui. Eu te darei o que quiser.

— Para que você possa concluir e ter foco no seu futuro como um comandante de Mogadore – Deltoch diz com um sorriso. — Ethan disse que essa garota era a única pessoa no mundo que você teve um relacionamento de amizade.

— Eu acho que sim – eu digo rapidamente. Quando eu falo isso, pareço um total perdedor.

— Bem, o que aconteceu então?

As lembranças voltam para minha cabeça. Um monte de caras me prenderam num armazém quando eu fazia um serviço para Ethan. O único jeito de escapar foi usando minha telecinese. Eu nunca havia usado em pessoas antes, e eu me senti tão bem em jogá-los contra as prateleiras e paredes depois deles terem quase me linchado. Mas Emma viu – um dos caras era seu *irmão*. E ela se virou contra mim no mesmo instante.

— Ela me chamou de aberração – eu digo, olhando para Emma na clareira da floresta. — Ela me perguntou se eu estava possuído quando ela viu o que sou capaz de fazer.

— Por favor – Emma diz. Ela continua a mexer a cabeça, seus olhos olhando as árvores. Ela estava parada sozinha ali até aparecermos, mas eu acredito que haja soldados mogadorianos escondidos nas árvores ao nosso redor, para ter certeza de que ela não irá escapar.

— Ela zombou das suas habilidades? – Deltoch pergunta. — Mesmo ela sendo sua amiga?

— Nós éramos mais do que amigos – eu digo, dando um passo para frente. — Nós éramos parceiros.

— Os humanos irão temer quando você for apresentado como o líder deles. Você pode usar esse medo e transformá-lo em respeito. Alguns vão se esconder ou tentar lutar contra você, mas os mais espertos vão se reverenciar para você. Você não pode hesitar quando for a hora. Você tem que saber quando for piedoso e impiedoso.

Impiedoso? Minhas palmas começam a suar quando eu começo imaginar o que Deltoch quer que eu faça aqui.

— Por que você a trouxe aqui? – eu pergunto mais uma vez.

— Ela estava aterrorizada apenas por experimentar suas habilidades. Ela lutou contra você. Desrespeitou você. Por que você não mostra a ela *o quão poderoso* você é?

Eu encaro Emma. Ela está tremendo, seus olhos agora fixos em mim, enquanto suas mãos tremem. A Emma que eu me lembro da praia – antes das coisas ficarem ruim entre nós – era legal, confiante e minha parceira no crime. Eu queria que ela pensasse o mesmo de mim. Mas agora eu vejo o que ela realmente é. Apenas uma garota assustada que não tem ideia do que está acontecendo no mundo ao redor dela. Uma formiguinha, ingênua e lamentável. Humana. Uma parte de mim sempre ficou com raiva sobre as merdas que ela me disse no armazém, mas eu não sei se ela merece ser machucada por causa disso.

Eu não sei se eu *consigo* machucá-la.

— Ela não vale a pena – eu digo enquanto me viro para Deltoch e começo a ir em direção a ele.

— Por favor! – Emma grita. Ela deve estar com medo do que pode acontecer uma vez que esse rosto familiar desaparecer. — Apenas me deixe ir para casa. Eu não tenho nada a ver com vocês, monstros!

Monstros.

Eu a prendo com telecinese, segurando-a com minha mão direita esticada. Ela deixa escapar um pequeno grunhido enquanto ela levanta do chão. Minha telecinese está ao redor do corpo dela, apertando-a fortemente. Enquanto eu levanto minha mão, ela é levantada cada vez mais alto.

Eu a levanto e flutuo até ficar em frente a ela. Devemos estar a uns dez metros do chão. Os olhos dela estão arregalados enquanto ela me olha. Ela ainda continua soltando alguns grunhidos, embora eu não esteja colocando muita força na telecinese. Eu mal posso ouvir sua respiração sob a repetição da palavra “monstros” na minha mente.

— Se você quer me chamar de monstro, eu posso *ser* um monstro – eu digo.

— Não – ela diz, sacudindo a cabeça negativamente.

— Eu poderia te destruir com apenas um pensamento – eu sussurro, e o olhar de terror no seu rosto me faz com que o sangue do meu corpo comece a latejar nos meus ouvidos. A parte de mim que estava infestada de raiva e quer vingança pela maneira a qual ela se virou contra mim se sente tão satisfeita que eu mal consigo respirar. Não é apenas por causa dela; é por todas as vezes que eu me senti fraco ou perdido, ou como os Lorienos esqueceram sobre mim ou

como eles me abandonaram. Tudo isso corre dentro de mim, me alimentando.

Eu sei que Nove deve ser minha primeira morte simbólica, mas talvez Deltoch me trouxe aqui para ver se eu realmente posso fazer. Talvez eu *deva* apertá-la um pouco mais com meu Legado. Ou deixá-la cair no chão abaixo de nós.

Mas então outra voz se junta na festa e interrompe meu pensamento.

— Cinco – Ethan diz. — Solte-a.

Então ele se vira para Deltoch e sussurra com raiva, alto o suficiente para que eu possa ouvir. — Ninguém me disse nada sobre isso. Que merda está acontecendo aqui?

— Estou observando o futuro da causa Mogadoriana – Deltoch responde.

— Ele não está pronto para isso – Ethan diz.

Deltoch se vira para mim com um sorrisinho e diz:

— Eu te disse.

— Eu estou! – eu grito.

— Você não sabe o que está...

— *Não* fale assim como se você tivesse alguma ideia do que ele é ou da capacidade dele – Deltoch diz. Então ele fala uma palavra única, condenatória: — Humano.

Desde a primeira vez que eu conheci Deltoch, estou do lado dele. Ethan é meu amigo, mas ele nunca viu este meu lado antes. Ele é aquele me diz quando eu preciso descansar quando eu sei que posso continuar me esforçando. Aquele que me diz para agir como se eu tivesse no topo da cadeia alimentar e então tenta me dizer o que fazer.

Ethan olha para mim, perdendo o fôlego.

— Você realmente quer que seu primeiro assassinato seja esta garota insignificante quando pode ser o Nove?

Eu volto a olhar para Emma, que têm lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela está me encarando, esperando minha decisão. Eu posso ver a suplica em seu olhar, e embora eu não queira tudo o que eu consigo pensar são as boas lembranças em Miami. Eu sei que ela não é a única que está prendendo sua respiração. Que Deltoch, Ethan, e todos os Mogs ao meu redor estão observando como eu reajo. E eu de repente sinto uma pressão muito forte no meu cérebro que talvez ele exploda, porque eu não sei o que eu devo fazer. Eu não posso desapontar os Mogs. Eu não posso mostrar fraquezas. Deltoch *obviamente* me trouxe aqui para matar esta garota.

A menos que haja outra maneira...

— Seu irmão ainda um gangster em Miami? – eu pergunto para Emma.

Ela parece confusa.

— Me responda! – eu grito, mais com frustração pela situação do que pelo silêncio dela.

— S-sim – ela diz. — O resto de nós foi embora depois do que aconteceu, mas ele ficou.

Ambos de nós descemos para o chão. Quando o pé dela toca o chão, eu a solto da minha telecinese. Ela cai de joelhos na terra. Eu viro e começo ir em direção a Ethan e Deltoch.

— O irmão dela pode ser útil para nós – eu digo a eles. — Ele não era conhecido quando eu estava em Miami, mas agora ele pode ter ganhado alguma influência, coisas que podemos explorar. Nós deveríamos usá-la para alavancar qualquer informação dele que possa ser valiosa no rastreamento da Garde, da mesma maneira que estamos utilizando os recursos do FBI. Talvez não consigamos nada, mas ela não será definitivamente boa para nós se ela estiver morta.

— Cinco... – Ethan começa.

— Eu tenho lido após livro sobre como as guerras são lutadas. A informação pode ser tão poderosa quanto armas. Acho que vocês deveriam levá-la para a ala de detenção, Ethan. Apesar de tudo, ela te conhece. Você é parte do motivo pela qual ela está aqui. – Ethan não diz nada, mas eu posso dizer que ele está considerando. Ele não está acostumado comigo falando com ele dessa maneira, mas eu não posso evitar. Minha adrenalina está fora de controle. Fazendo isso, eu me sinto como um líder.

— Se você precisa saber o que aconteceu aqui antes de você fazer seus relatórios – eu digo, sublinhando a última palavra, — eu estarei grato em te ajudar.

Ethan me encara por alguns segundos como se ele estivesse tentando descobrir de onde está vindo tudo isso. Então ele lança um olhar de ódio para Deltoch e agarra o braço de Emma, carregando-a para a floresta. Ela não faz nada em reação.

— Uma decisão sábia – Deltoch diz.

— Isso foi tipo um teste? – eu pergunto.

— A vida toda é um teste. De todas as pessoas, você é o que deveria saber disso.

— Eu passei? – eu pergunto.

Deltoch abre um sorriso.

— Com muito sucesso.

CAPÍTULO CINCO

ALGUMAS SEMANAS SE PASSAM, ENTÃO TUDO ACONTECE MUITO rápido.

Os Mogs rastreiam um dos Gardes em um local chamado Paradise, Ohio, mas acabou que *dois* foram encontrados lá. Pelo menos, é o que os sobreviventes da batalha dizem. Não que muitos Mogs ficaram em pé depois de tentarem prender os dois loriens guerreiros. Pelo que os comandantes conseguiram reunir, um deles era Número Seis, que já foi mantida em cativeiro pelos Mogs, mas conseguiu escapar antes que eu chegasse. Praticamente todas as nossas forças estão voltadas para o rastreamento desses dois pelo país, deixando questões menos importantes de lado, como minhas aulas de história.

Alguma coisa impossível também aconteceu: eu me machuquei.

Quatro ainda está vivo – eu sei porque não há nenhuma cicatriz nova no meu tornozelo – mas quando um dos soldados Mogadorianos com quem estou treinando me acertou com uma espada, eu me cortei. Sangue de verdade sai do meu ombro, e o soldado ficou completamente ileso.

O feitiço Lórico foi quebrado.

Eu estou vulnerável.

É uma coisa estranha, de repente poder morrer, ou ficar ferido. Saber que agora não há outro número entre eu e a morte. É meio que aterrorizante no começo, mas apenas me faz lembrar de que eu fiz a escolha certa. Eu não consigo me imaginar enfrentando os Mogadorianos sem o feitiço me protegendo. A Garde não vai ter chance se eles se convencessem da estupidez deles.

Ethan fica louco quando descobre da minha repentina mortalidade e demanda que Deltoch pare qualquer treino que envolva luta corporal. Ele diz que eu não estou pronto para batalhas em campo ainda – *claro* que ele pensa isso. Mas Deltoch concorda em parar os meus treinos de luta corporal. Com isso, eu me faço útil fuçando na internet por qualquer coisa que seja útil. Foi assim que eu encontrei um site chamado “Alienígenas Anônimos”, que está cheio de coisas que parecem uma loucura total, mas também há artigos sobre o que

aconteceu em Paradise. Os posts parecem que foram escritos por alguém que sabe da existência da Garde e dos Mogs – alguém que possa ter uma ideia para onde Seis e o outro Garde fugiram depois da batalha. Então, usando um pouco da minha persuasão, eu consigo entrar em contato com alguns dos editores e contribuidores do blog. Eles me conhecem como FLYBOY.

Há um idiota conhecido como JOLLYROGER182 que diz ter se envolvido na batalha em Ohio. Ele fica hesitante em falar no começo, mas quando eu o encho de histórias sobre ter visto caras com olhos redondos pretos e tatuagens na cabeça caçando uma garota triste que acabou voando pelo ar, ele começa a me perguntar um monte de coisas – coisas que eu vou responder assim que ele me dizer o que ele *sabe*. Então ele desembucha. Ele diz que era um dos colegas de classe de um dos Gardes, um cara chamado John Smith. Mas mais importante, ele idiota, me diz algo a mais: John é o Número Quatro.

Quando eu conto as novidades para Ethan, ele diz que tem certeza de que os Mogs já tinham alguém vigiando o blog e que provavelmente eu não deveria me relacionar com os editores para evitar que eu acidentalmente deixe escapar alguma coisa. Eu digo a ele que isso é ridículo e que ele não sabe o quão bom em mentiras eu sou, e então chegamos a uma briga que acaba comigo indo direto até Deltoch para contar o que eu descobri. Eu juro que é a primeira vez que eu vejo um Mogadoriano feliz comigo. Ele me diz para continuar a fazer o que estou fazendo – que Setrákus Ra está muito agradecido comigo.

Depois disso, eu começo a ver cada vez mais os Mogs e menos de Ethan. Eu acho que talvez ele esteja com inveja de mim, mesmo eu estando agindo da maneira que eu sempre disse que agiria – como se eu fosse o bonzão aqui. Eu o vejo mais quando ele reporta sobre como estão as pesquisas dos Mogs, de rastreamento dos outros Gardes ou nas refeições. Deltoch começou a me treinar.

Nós rastreamos Quatro e Seis pelo país – de Ohio para Tennessee e então para a Flórida. De algum jeito eles sempre estão um passo a frente da nossa força ou acabam se livrando das nossas escoltas. Mas nosso dia de sorte chega quando Quatro faz uma coisa estúpida. Ele volta à Paradise, onde os obviamente havia Mogs espiando pelo local.

E agora ele está sob nossa custódia.

Eu estava esperando que Quatro fosse uma pessoa com quem eu poderia falar facilmente, mas baseado no que os Mogs e o JOLLYROGER182 me disseram, me parece que ele é um total idiota. Quero dizer, você tem que ser um idiota para voltar no lugar onde os Mogs te encontraram pela primeira vez, para começo de conversa. Estou surpreso que sua cicatriz não tenha queimado em meu tornozelo

meses atrás. Talvez ele ainda possa ouvir a razão. Se puder, talvez Setrákus Ra dê a ele a Europa para governar, ou a África, ou coisa assim.

Mas definitivamente há uma pessoa que não vai ganhar nenhum país para governar. As coisas estão acontecendo rápido aqui no complexo, incluindo minha promoção para comandante das forças Mogadorianas. O feitiço lórico foi quebrado. Eu não me preocupo mais com uma mágica estranha me queimando caso eu tente ferir outro Garde. A vez de Nove chegou, e nosso Amado Líder, Setrákus Ra, está vindo pessoalmente para me ver executando ele. O pensamento de que finalmente vou ganhar meu lugar legítimo como um comandante dentro das forças Mogadorianas acaba praticamente com toda a hesitação que eu tenho sobre Nove. Quando a hora chegar, eu apenas terei que lembrar sobre os arquivos que os Mogs têm sobre ele e usar isso como força.

Eu posso sangrar agora. O que significa que Nove também pode. Enfim, minha hora chegou.



Na manhã da minha ascensão, eu sou chamado para um dos laboratórios Mogadorianos. Aparentemente houve uma grande descoberta a qual eles querem minha ajuda, e mesmo estando lisonjeado, eu já tenho muitas coisas em minha mente sobre o que vai acontecer nessa noite quando Nove for arrastado para o Grande Salão em correntes e eu vou me tornar comandante das forças Mogadorianas.

Não ajuda eles me manterem esperando no laboratório. Enquanto o tempo passa, eu começo a ficar entediado, e encontro uma caderneta e uma caneta.

Eu começo a desenhar.

Eu não tive tempo para desenhar histórias ou coisa do tipo como eu costumava fazer na areia das praias desde que eu vim para o complexo. Mas agora, no laboratório, eu me lembro de como eu gostava de fazer isso.

Eu desenho Nove. Ele está preso no chão por correntes pesadas que está presa no seu pescoço. Ele está fraco e frágil. Eu, por outro lado, pareço um super-herói. Eu voo sobre ele. Nove é tão insignificante que eu não vou nem sujar minhas mãos com ele. Por isso, eu tenho um monstro – um que ataca como cães – que eu vou usar para matá-lo. A besta parece nunca ter andado sobre qualquer planeta (provavelmente). Ela tem três cabeças que se parecem com lagartos e um corpo grande, com garras afiadas. E asas. É a besta mais horrenda que eu poderia imaginar. Todas as bocas estão abertas, e salivas com veneno caem da ponta dos dentes afiados. Seus braços retorcidos...

— Cinco – alguém diz atrás de mim.

Eu me viro. Eu estava tão intertido no meu desenho que eu não notei quando um dos Mogadorianos cientistas entrou. Ele veste um jaleco de laboratório preto grande e luvas brancas de borracha. Ele tem nas mãos algo que eu reconheço. Eu quase caio da minha cadeira, porque eu pensei que alguém tivesse entrado no meu quarto e pegado minha Arca Lórica, mas então eu percebo que essa não é minha. O símbolo que brilha nela não pertence a mim.

— Nós recuperamos esta Arca de um dos lorienos de Ohio – o cientista diz, gentilmente colocando-a em uma bancada. — Nós pensamos que talvez você pudesse tentar abri-la.

— O que faz você pensar que eu possa abrir? – eu pergunto.

O cientista dá de ombros. — Nós acreditamos que essa Arca pertence ao Número Quatro. Nós esperamos que os números superiores tenham acesso as Arcas dos números inferiores.

Eu penso nos arquivos sobre Nove e o pensamento de que talvez ele seja mais poderoso entre nós por causa do seu número me faz cerrar os punhos. Eu sei que eu nunca fui bom em descobrir o que são as coisas da minha própria Arca, mas o pensamento de que ele possa ser capaz de mexer *nas minhas* coisas faz meu sangue pulsar nas veias.

— Tudo bem – eu digo. — Deixe-me tentar.

Eu faço tudo o que consigo pensar. A Arca mal reage ao meu toque. Eu a pressiono com minha telecinese até eu começar a ter uma dor de cabeça. Finalmente, eu uso minha Externa para me tornar metal e começo a bater na lateral da caixa estúpida.

O cientista desanima depois desta última tentativa.

— Se você *preferir*, senhor – ele diz, tentando parecer o mais educado possível entre meu corpo de metal superpoderoso e a Arca, — talvez devêssemos esperar um dia. Vamos manter a Arca sobre vigilância até depois da cerimônia de hoje à noite, e então você pode tentar novamente amanhã.

Eu permito que meu corpo volte ao normal.

— Claro – eu digo. — Isso é tudo?

O cientista assente. Estou quase fora da sala quando ele fala novamente.

— Senhor? Você esqueceu seu desenho.

Eu me viro. Ele está segurando meu rascunho – minha primeira página daquela história. De repente eu me sinto estúpido por ter desenhado aquilo.

— Pode ficar – eu digo. — Depois de hoje eu não terei de fazer cosias de crianças para o resto da vida.

— Hmmm – ele encara o desenho. — Talvez isso possa ser uma inspiração para o meu trabalho.

Eu dou de ombros e então saio.

Ethan me encontra no corredor do lado de fora. Estou um pouco surpreso por vê-lo e me pergunto por quanto tempo ele tem esperado.

— O que estava fazendo?

— Apenas tentando ajudar um pouco os cientistas – eu digo. — O que está fazendo aqui? – eu pergunto.

Ele coloca cuidadosamente um pacote com roupas pretas em minhas mãos.

— Eu queria ser aquele que te entregaria isso – ele diz.

— O que é isso? – eu pergunto.

— Seu uniforme cerimonial – ele diz. — O que você irá vestir hoje à noite quando for promovido para sua nova posição. Ele olha para meu jeans e para minha camiseta. — A partir de agora você deve começar a usar os uniformes Mogadorianos. Isso irá fazer os outros se lembrarem da sua posição.

— Não será preciso – eu digo. — Depois de hoje todos vão saber que eu serei o superior deles apesar da minha roupa.

Ethan sorri um pouco e assente, mas há uma expressão de tristeza que eu não reconheço. Talvez seja, porque ele não está com seu sorriso casual no rosto.

— Eu queria me desculpar por tudo que aconteceu em relação à Emma – Ethan diz calmamente. — Eu sei que eu deveria ter feito isso antes, mas então tudo ficou maluco. Eu nunca deveria ter perguntado se você estava ou não pronto pra isso. Obvio que está.

— Obrigado – eu digo.

Ele se inclina até meu ouvido.

— Eles nunca deveriam ter trazido ela aqui – ele sussurra.

— Bem, pelo menos ela está viva.

— Foi isso que te disseram? – ele pergunta, suas sobrancelhas se juntando em dúvida.

— Deltoch disse que ela foi enviada para outra base em algum lugar próximo da Flórida – eu digo. Então eu começo a pensar. Ethan disse como se ela não tivesse realmente na Flórida, então onde ela *estaria*? Eu não deveria estar preocupado com Emma, mas estou. E se os Mogs estão mentindo para mim sobre ela, então...

Mas então Ethan sorri e reafirma o que eu disse.

— Tenho certeza de que ela está lá então, – ele diz – já que eu não ouvi mais nada sobre isso.

Nós começamos a longa caminhada de volta para meu lado do complexo, e embora eu tente esquecer sobre Emma, os pensamentos

sobre ela continuam pairando na minha mente. Eu me pergunto se eu devo perguntar a Deltoch sobre ela. Não, *óbvio* que não. Não posso. Isso demonstraria fraqueza.

Mas eu esqueço sobre Emma, quando entramos no salão principal da caverna, e eu vi coisas que nunca havia visto antes na base. Mulheres mogadorianas, vestidas em longas roupas roxas e vermelhas. Suas cabeças e rostos estão com muitas tatuagens. Muitas delas estão com rabos de cavalo saindo da cabeça raspada. Ao contrário dos soldados que estou acostumado a ver, elas são mais magras e mais ágeis nos seus movimentos, longos braços balançado aos seus lados enquanto elas andam.

Há outros que eu nunca vi antes também. Apenas alguns deles. Mogs jovens que talvez tenham minha idade se eu perguntasse. Eles estão vestidos em caros uniformes que não são muito diferentes daqueles que os soldados vestem.

— Crianças Mogadorianas trueborn – Ethan diz, notando o que estou observando. — E muitas mulheres das famílias dos comandantes. Eles vieram para ver você tomar o seu lugar entre eles.

Eu sorrio ao que ouço. Eu não consigo evitar. É tão incrível ver que todas essas pessoas estão aqui por mim. Para me servir.

Eu percebo que Cinco é um nome estranho para o mais novo comandante Mogadoriano. É tão... lórico. Eu me pergunto se eu devo usar um dos nomes que eu já usei antes no passado. Bolt. Talvez Cody? Eu sei que Cody *não parece* Mogadoriano, mas eu fui ele por um bom tempo. Eu era ele quando Ethan me conheceu.

E quando viramos no corredor em direção a minha sala de estudos, uma pergunta me vem à mente que eu nunca havia perguntado antes.

— Como você sabia que eu era o Número Cinco? – eu pergunto.

— O que você quer dizer? – Ethan pergunta, confuso.

— Quando eu te encontrei conversando com Deltoch no seu escritório – antes de eu saber o que estava acontecendo – vocês dois se referiam a mim como Número Cinco. Mas como você sabia que eu era esse número? Havia apenas dois mortos, e os Mogs apenas tinham capturado Seis e Nove antes.

Ethan olha pra mim como se eu tivesse perguntado a coisa mais estranha que eu poderia.

— Quando você chegou à casa de praia pela primeira vez, você costumava a desenhar na areia toda hora – ele disse, no seu tom de voz calmo. — Desenhos e histórias com símbolos estranhos. A maré sempre os apagava, mas eu consegui ver alguns deles da casa.

Claro. Óbvio que ele sempre estava me vigiando.

— O único símbolo que eu sempre soube o significado, era o do Número Cinco.

Eu me sinto estúpido. Como eu me entreguei tão fácil. Eu criei o hábito de desenhar na areia quando eu morava na ilha com Rey, mas eu sempre vi a água destruir tudo o que eu criava. Eu achava que eu era tão cuidadoso, tão *inteligente*.

Então eles não sabiam qual número eu era quando eles me recrutaram.

Eu devo parecer infeliz, porque ele coloca uma das mãos no meu ombro.

— Está tudo bem, Cinco?

Eu dou de ombros.

— Eu acho que eu apenas estava me perguntando se os Mogs queriam que eu fosse um número baixo, e não tipo, o Número Oito.

Ethan parece surpreso.

— Cinco, nós queríamos você por *você*, não importasse qual número você era. Eu vi seu potencial na primeira vez que nos conhecemos na praia. Eu poderia ver a fome por isso nos seus olhos.

Eu sorrio um pouco. — Obrigado, Ethan.

— Isso é sobre o Nove? Você está preocupado que talvez não esteja pronto para dar o próximo passo?

Dois Mogs passam correndo por nós. Deve haver um incêndio em algum lugar da base que precisa se extinto, algum prisioneiro que precisa aprender uma lição ou algum comandante que precise de uma comitiva.

— Claro que estou pronto – eu digo.

— Cinco, me escute. Você tem que fazer isso. Você tem que fazer qualquer coisa que os Mogs pedirem para você, pois isso significa que você irá ser promovido para um dos cargos mais altos deles na Terra.

— Você deve seguir suas próprias regras – eu digo sorrindo – o jeito com que falou com Deltoch...

— Foi estúpido – ele sorri de orelha a orelha.

— Vamos indo, então – eu digo. — Estou pronto para fazer isso.

Mais Mogs passam correndo, e então, de repente todo o corredor está completamente cheio de soldados. Alguns deles gritam, mas eu não consigo entender o que dizem – o barulho fazendo eco nas pedras da parede e no chão faz com que tudo pareça um ruído.

— Que diabos está acontecendo? – Ethan grita.

E então uma explosão em algum lugar dentro da base acontece, e depois tudo fica insano.

CAPÍTULO SEIS

NO FIM DO TÚNEL, UMA PAREDE DE FOGO EXPLODE, E EU instintivamente a bloqueio com telecinese, para tentar impedir que as chamas me engulam, Ethan e os Mogs que estão correndo pelo corredor. Ou eu tive sucesso ou as chamas já se apagaram – qualquer que seja o caso nós continuamos ilesos.

O mesmo não pode ser dito para as pessoas que estavam no corredor adjacente.

Algum prisioneiro escapou? Será que a nave do nosso Amado Líder se chocou contra a montanha? Ou isso é apenas algum acidente horrível?

O barulho contínuo de disparos de arma de fogo que vem de algum lugar do complexo, corta essas duas últimas possibilidades.

Estamos sobre ataque.

— Nós devemos procurar abrigo – Ethan diz. — Não podemos ir mais além à montanha.

Eu pauso. Minha cerimônia está arruinada. Tudo o que eu tenho feito foi destruído pelo que esteja acontecendo no complexo nesse momento.

Eu não vou deixar isso acontecer. Esta é minha chance de mostrar para os Mogs do que eu sou capaz. Que eu realmente tenho valor para liderá-los. Dane-se matar um único Garde – eu vou matar qualquer exército que esteja nos atacando com minha telecinese. Setrákus Ra talvez possa até me ver em ação. Droga, talvez eu possa até lutar ao lado dele.

— Não – eu grito para Ethan por causa do barulho das armas, dos gritos e das coisas caindo no chão. — Eu vou lutar. *Você* procura abrigo.

Ethan começa a argumentar, mas eu já estou jogando meu uniforme cerimonial no chão e correndo em direção ao corredor, minha mão alcançando meu bolso para tocar a bolinha de metal. Minha pele toma uma forma metálica, e meus passos ficam pesados – eu poderia

voar, mas eu não quero ser um alvo fácil no ar para quem quer que esteja infiltrado na base.

Estou prestes a virar no corredor quando uma onda de ar quente me atinge, com um cheiro pesado cheiro de carvão. É difícil enxergar através da fumaça e das cinzas, e então eu percebo de onde as cinzas e fumaça está vindo. Os Mogs desse corredor devem ter sido literalmente aniquilados. Quem quer que esteja nos atacando não está dando nenhum soco e está obviamente tentando causar mais dano possível.

Eu sigo os gritos e os barulhos enquanto ando pelo túnel, mas a combinação da minha forma metálica e meu hábito de voar pelo complexo me deixa muito atrasado. Quando eu chego ao hall principal, é fácil ver por onde os intrusos entraram, há pilhas sobre pilhas de cinzas espalhadas por aqui. No espaço se desenvolveu um caos, enquanto os machucados gritam por ajuda e os monstros Mogadorianos que escaparam das suas jaulas matam os soldados Mogadorianos que foram pegos de surpresa. Eu pauso e tento encontrar qual direção está o ataque, e então eu percebo que há uma maneira mais fácil de fazer isso do que seguir os montinhos de cinzas: há muitos pikens fugindo, rugindo e voando de um lado do complexo, caçando alguma coisa. Então eu vou ao encontro deles, correndo em direção às celas de detenção.

Salas de detenção. Isso é uma missão de resgate?

Eu tenho uma chance de voar e vou para o corredor em direção às celas. Eu acho que ouvi alguém gritando meu nome atrás de mim, mas quando eu olho para trás, apenas vejo penas de algumas criaturas que parecem pássaros e que passaram por mim. Então eu continuo, e virando no corredor no final da ala de detenção eu vejo, Nove, seguido por alguém que eu já vi antes. Alguém que eu reconheço dos relatórios Mogadorianos sobre o incidente em Paradise.

Número Quatro.

Os dois Gardes somem do meu ponto de vista, e há um barulho distante de pedra caindo. Eu ponho meus punhos ao meu lado. Claro que eles estragaram tudo. Eu passei anos – *anos* – em uma ilha deserta sem nenhum oi de outro lorião, e então eu venho para o único lugar do qual os Gardes deveriam ficar longe – a base dos seus inimigos – e vejo dois deles.

Uma parte de mim pergunta se eles sabem que estou aqui. Se eles sabem o que hoje significa pra mim. E se eles arruinaram tudo de propósito, para zombar do coitadinho do Número Cinco, o qual todos eles pensaram que iria apodrecer em numa praia em algum lugar.

A um esquadrão de Mogs alcançando o topo das escadas a minha direita. Eles correram atrás de mim enquanto eu voei pelo corredor, mas o caminho pelo qual Quatro e Nove seguiram está agora bloqueado – sem dúvidas resultado dos Legados de Quatro ou Nove. Minha mente trabalha enquanto eu tento me lembrar de quais são os outros túneis se conectam no que eles entraram. Atrás de mim, uma dúzia de Mogs de todos os lugares do complexo se regroupam. Eu ouço a conversa deles enquanto eu tento descobrir qual será meu próximo passo. Eles conseguiram capturar um dos intrusos. Ele é humano. Um adolescente. Relatórios confirmam que Quatro é o único intruso restante, sem contar o Nove.

Os prisioneiros.

Eu viro para os Mogs e imediatamente começo a latir ordens. Esta é minha hora para brilhar.

— Vocês três – eu digo, apontando para um grupo de soldados. — Encontrem quaisquer outros fugitivos. O resto de vocês, venham comigo. Vamos impedir os intrusos na saída.

Há hesitação nas suas expressões.

— Olhem ao redor de vocês – eu continuo. — Estamos sob ataque, e eu sou a única pessoa mais perto de um comandante a vista. Se vocês não se mexerem imediatamente, vocês estarão assinando sua traição para o nosso Amado Líder quando ele chegar.

Todos assentem para mim de uma vez. Alguns saúdam.

Ethan se aproxima do corredor. Ele está sem fôlego, mas parece agradecido pelo que estou fazendo. Enquanto os Mogs se movem, ele me joga um fone comunicador, apontando para outro no ouvido dele.

— No caso de ficarmos separados – ele diz.

— Eu pensei que você fosse procurar abrigo.

— Nah. – ele balança a cabeça. — Eu quero ver se todo aquele treinamento valeu a pena.

Eu sorrio e então atiro pelo ar sobre a cabeça dos Mogadorianos.

— Por aqui! – eu grito. — Não podemos deixar estes lorienos bastardos escaparem!

Alguns dos corredores pelos quais passamos desmoronaram pelo que quer que seja que Quatro e Nove estejam fazendo, mas isso não importa. A adrenalina do meu corpo sobrecarrega meus Legados. Estou movendo para esquerda e para direita e voando através dos tuneis. Os Mogs fazem o melhor que podem para me acompanhar, mas estou me movendo rápido demais para eles. Eu atiro de corredor para corredor, minha mente desesperadamente tentando se lembrar, da minha exploração, de como todos esses corredores se interligam, até que eu chego numa bifurcação nos túneis do qual eu não me lembro. O tempo

não está do meu lado. Se vamos impedir Quatro e Nove, eu tenho que agir.

Mas eu não sei para onde ir.

Minhas tropas começam a me alcançar atrás de mim. Eu os paro com um movimento com a mão, dividindo-os em dois grupos, enquanto flutuo até eles.

— Metade de vocês por esse lado, a outra metade me segue. O mais rápido que puderem. Eles não podem estar muito distantes de nós agora.

Eles não hesitam desta vez – apenas obedecem. Ethan segue o outro grupo, novamente mostrando o fone. Eu sei que ele irá me alertar se eles aparecerem do outro lado.

E é claro, isso acontece alguns minutos depois.

— Nós os encontramos – a voz de Ethan aparece no meu ouvido.
— Eles foram para a ponte. Vamos tentar impedi-los.

— Merda – eu murmuro. Eu paro os Mogs que vieram comigo. Nós começamos a voltar, indo para o outro túnel. O som de armas Mogadorianas ecoe pelas paredes dos corredores. Estamos quase perto da ponte quando eu ouço Ethan gritando na minha orelha de um jeito que eu nunca ouvi antes: primitivamente e cheio de dor.

Eu aumento a velocidade até eu achar que vou alcançar uma velocidade supersônica. Quando eu voo para dentro da caverna onde está a ponte, é uma loucura. Metade do time que eu enviei virou cinzas. A outra metade está com órgãos faltando ou está machucado de outras maneiras pelo ácido verde que está abaixo da ponte. Nove e Quatro devem ter usado seus poderes para usar o ácido como arma, de alguma maneira. Eu me sinto estúpido por nunca ter percebido a capacidade ofensiva que a lava poderia ter se combinado com minha telecinese.

Mas eu esqueço isso quando vejo Ethan. Ele está encarando sua mão direita. Ou, melhor, o lugar onde sua mão direita deveria estar. Agora é apenas um toco, carbonizado e cauterizado pelo lodo verde. Ele olha para mim, com um dos olhos cheio de desespero. O outro braço está escondido por um pouco de fumaça verde. Então seu olho bom rola para trás, e suas pernas desistem, e então ele começa a cair para trás, em direção ao lago de lodo verde mortal abaixo.

— Não! – eu grito, e antes de eu saber o que estou fazendo, estou voando atrás dele, mergulhando e pegando-o antes que ele toque a superfície do lago verde borbulhante.

Eu voo de volta para a ponte com Ethan nos meus braços. Ele ainda respira, pelo menos. Talvez esteja em choque. Os Mogs que me seguiram me encaram, esperando ordens.

— Por que estão parados aí? – eu grito. — Vão impedi-los!

Então eles começam a ir em direção ao túnel atrás de Quatro e Nove. Eu deveria ir com eles. Mas eu não posso deixar Ethan para trás. Não nessa situação. Eu o pego, nós voamos de volta para o túnel da qual viemos. Em direção ao grande hall, onde há uma enfermaria que provavelmente já está lotada com Mogs feridos. E é no grande hall que eu o vejo. Ele é alto – talvez quatro metros. É difícil dizer exatamente do meu ponto de vista sobre ele. Os Mogs sobreviventes voltam para ele, fazendo reverências. Seu cabelo é curto e preto. Sua pele é pálida. Alguma coisa no seu rosto me faz lembrar uma gárgula – talvez seja o tom cinzento de sua pele ou a maneira a qual seus dentes afiados estão atrás dos lábios escuros. Ele tem uma tatuagem horrenda roxa no pescoço. Três colares pendem brilhando no seu peito.

— Nosso Amado Líder – eu murmuro.

Ele vira sua cabeça, e seus olhos veem em minha direção. Ele levanta uma das mãos. Há um crepitar azul em toda a minha visão, e então, de repente estou caindo, rapidamente. Meus Legados não estão funcionando. Tudo o que eu posso fazer é segurar Ethan em uma posição em que eu possa absorver o impacto da queda.

Eu ouço minha cabeça bater no chão de pedra segundos antes de tudo ficar preto.

CAPÍTULO SETE

EU ACORDO NO MEU QUARTO AINDA USANDO MINHAS ROUPAS SUJAS pela batalha. Há sangue em mim, mas eu não sei de quem é. Por um segundo, eu penso que devo ter sonhado tudo, mas um toque no machucado atrás da minha cabeça me diz outra coisa. Eu olho para o relógio. É um pouco depois do meio-dia, mas eu não tenho ideia se faz horas ou dias que tudo aconteceu. Demora alguns minutos para retomar a consciência e perceber duas coisas: eu não sei o que aconteceu com Ethan, e Setrákus Ra está aqui.

Antes mesmo de eu começar a ver sentido nas coisas, um Mog entra no meu quarto.

— Nosso Amado Líder o verá agora – ele diz. Eu me pergunto como ele soube que eu acordei, mas claro que deve haver câmeras em algum lugar escondidas no meu quarto. Os Mogs sempre estão me vigiando.

— Ethan – eu digo. Minha cabeça dói ao falar, ondas de choque radiando sobre meu ferimento no crânio.

— Nosso Amado Líder irá explicar tudo – o Mog diz – mas eu não o deixaria esperando se fosse você. Ele está no Comando Central.

Eu de repente me lembro de como me feri na cabeça, eu levanto da cama voando e subo em direção ao guarda-roupa do meu quarto, ao mesmo tempo em que uso minha telecinese para limpá-lo. Bem, pelo menos meus Legados estão de volta. Mas o que o nosso Amado Líder fez que me causasse a queda?

Eu não perco mais tempo enquanto eu voo rapidamente através dos corredores em direção à sala onde Setrákus Ra está a minha espera. Meus pensamentos estão cheios de preocupação. O que exatamente aconteceu na base? Será que o Quatro e o Nove conseguiram escapar? Como está Ethan?

E o que será do meu lugar no comando?

Eu meio que esperava uma onda de tristeza ou luto pelos corredores do complexo por causa de todas as causalidades que sofremos – o número de mortos deve passar dos cem, pelo menos. Mas

parece que nada mudou, exceto pelas paredes destruídas e algumas portas de alguns corredores. Meu lado do complexo não parece ter sofrido muito, pelo menos, porém eu não sei como o resto do lugar está, pois Quatro e Nove saíram destruindo tudo. Os Mogs fazem seus trabalhos obedientemente, me cumprimentando ou fazendo reverências enquanto passo. Alguns estão arrumando as coisas que foram danificadas na invasão; outros estão limpando as cinzas de enchem os cantos do chão. Varrendo os mortos.

Dois soldados saem do caminho ao que me aproximo da sala de comando central da base. Eu passo pelas portas, e nesse momento todos que estão dentro congelam. Há vários comandantes parados em frente a mesas digitais exibindo mapas em 3D. Em telas gigantes ao redor da sala, novos relatórios, vídeos de segurança e vários outras imagens estão sendo exibidas. Vários humanos com ternos pretos estão nos painéis, apontando para os arquivos que eles mostram na tela. Eles estão comparando fotos de Quatro e Nove escapando com algumas imagens de pessoas em restaurantes e postos de combustíveis.

E no meio de todos eles há a pessoa mais poderosa de toda a galáxia. Setrákus Ra, nosso Amado Líder Mogadoriano quem vai levar prosperidade para seu povo. Ele segura um bastão dourado com um olho preto na ponta. Sua presença física é contagiante, mas há outra coisa nele que me intimida. Quando ele olha pra mim, é como se ele avaliasse minha situação e fez um julgamento antes mesmo que eu possa dizer uma palavra. Eu queria poder dizer qual é seu veredito.

Eu o reverencio. Eu não sei o que mais fazer.

— É uma honra, meu Amado Líder – eu digo.

Ele simplesmente me encara. Todos os outros continuam em silêncio, se perguntando qual será sua resposta.

— Saiam da sala – ele manda, e antes que eu possa perceber, só há nós dois na sala em meio há muitos computadores e eletrônicos.

Ele aponta para uma cadeira no centro da sala – uma que parece que está reservada para pessoa da liderança – enquanto ele anda em direção a um dos terminais.

— Se sente – ele diz.

Eu obedeco, porque as ordens dele são as que mais importam. De algum jeito, eu não consigo perguntar as mil perguntas que eu quero fazer. Ele demora um tempo, estudando o monitor com a foto de Quatro exibida nele.

— É um sentimento bom, não é? – ele finalmente pergunta.

— O que? – eu não sei do que ele está falando. Tudo o que eu sinto é uma dor latejante na minha cabeça e uma confusão irritante na minha mente.

Ele se vira para mim e sorri, mostrando os dentes pontudos. Ele gesticula, e minha cadeira gira um pouco, virando 360 graus completos até eu o encarar novamente.

— Estar sentado na cadeira do poder. Ela cabe em você. Você parece confortável nela.

Eu o encaro ao que alguns segundos se passam, tentando absorver o que ele acabou de me dizer. Nosso Amado Líder penso que eu pareço confortável com o poder.

— Obrigado – eu finalmente consigo dizer.

Há tantas questões pairando no meu cérebro que eu mal sei o que perguntar primeiro. Como a Garde conseguiu nos atacar? Onde está Ethan? O que isso significa para meu futuro? Então eu tento fazer uma pergunta que englobe todas as outras.

— O que aconteceu?

Setrákus Ra pausa com brevidade, permitindo um pequeno sorriso antes que ele comece a explicar.

— Número Quatro – ele diz, com a voz um pouco rouca – me parece que ele e algum humano conspirador conseguiram se infiltrar no complexo. Nosso melhor palpite após ver a gravação de segurança é a de que eles utilizaram um Legado para se tornarem invisíveis e se infiltrarem. Eles roubaram alguns itens que tínhamos preso – matando vários pikens no processo – e então prosseguiram com a mutilação incontável de muitos soldados Mogadorianos, guardas e treineiros enquanto eles andavam pelo complexo até a ala de detenção. Eles mataram sem discriminação. Muitos dos nossos convidados foram mortos.

Eu engulo seco enquanto penso nas mulheres elegantes e dos jovens Mogs que eu vi enquanto passava pelo hall principal antes de tudo ficar louco. Eles estavam no complexo para a cerimônia. *Eu* era o motivo pelo qual eles estavam aqui.

— Eu acredito que foi aí que você encontrou a Garde, estou certo? Enquanto os prisioneiros escapavam?

Eu assinto. — Eu liderei um pequeno grupo de Mogs. Nós tentamos impedi-los.

— E o que aconteceu então?

— Os túneis estavam bloqueados, eu os persegui por uma rota alternativa. Eventualmente, tivemos que nos separar, e o grupo do qual eu não estava os encontraram. Na hora que eu cheguei lá, metade do grupo havia sido aniquilado.

— E? – Setrákus Ra pergunta.

— Ethan ainda estava vivo. Ele caiu. Eu o peguei e o levei de volta para a ponte. Foi quando eu vi o senhor. E você... – eu movo a cabeça,

tocando meu crânio. — Eu caí. O que aconteceu comigo? O que houve com Ethan?

— Seus Legados são dons que podem ser retirados por aqueles com o poder de fazer isso. Eu bloqueei o seu uso deles no caos porque você estava inseguro do que estava acontecendo.

— Você pode simplesmente cancelar meus Legados? – eu pergunto. Isso parece impossível – perder meus poderes é um pesadelo que eu nunca imaginei viver.

— Está dentro das minhas habilidades – Setrákus Ra diz. — Há pouco que não está.

Sem meus Legados, eu sou um humano normal. Mesmo não sendo terráqueo.

Será que a Garde sabe disso? Rey sabia? Ou isso foi uma piada cósmica na qual todos nós descobriríamos quando estivéssemos sendo chutados? Eu quase rio da ideia de ver a Garde, confiantes nos seus Legados, descobrindo que o inimigo deles pode cancelá-los com nada mais que um aceno com a mão.

— E Ethan? – eu pergunto de novo.

Setrákus Ra começa a andar pela sala. Minha cadeira vira para que eu possa vê-lo. Ele deve estar usando algum tipo de habilidade telecinética para virá-la. Eu me pergunto quais os outros poderes que nosso Amado Líder tem. Há limites para o que ele pode fazer? Ele conquistou planetas. Meus Legados, enquanto poderosos, não são nada comparado aos seus talentos.

Seu passo é lento enquanto ele anda. Eu fico em silêncio. Finalmente, ele para na frente do computador terminal. Ele pressiona alguns botões, e então o rosto de Ethan aparece em uma das telas. Setrákus Ra se vira para mim, franzindo as sobrancelhas.

— Ethan ainda está vivo – ele diz, e uma onda de alívio me invade.

— Ótimo – eu digo.

— É? – Setrákus Ra pergunta. — Dois Gardes escaparam, e Ethan está vivo. Nós perdemos tropas, e nossos inimigos ganharam um aliado poderoso conhecido como Nove. Eu não considero isso como uma vitória. Você considera?

Eu paro. Eu ainda não processei realmente tudo o que aconteceu, ou quais são as repercussões dos meus atos. Eu sei que fiz a escolha errada ao salvar Ethan – estive ao redor dos Mogs tempo suficiente para perceber isso. Mas esta é a primeira vez que eu realmente me pergunto sobre qual é a importância de Ethan para os Mogs. Eu movo minha cabeça. — Me desculpe. Eu digo. Foi uma coisa tola a se fazer. Eu deveria ter sido capaz de impedir Quatro e Nove se eu deixasse Ethan prá trás.

— Então por que você não impediu?

Eu mal tive tempo de pensar sobre isso, muito menos para criar uma resposta convincente para Setrákus Ra.

— Eu não sei. Quero dizer, Ethan sempre esteve comigo.

— Ethan apenas faz o que lhe é dito para ser feito – Setrákus Ra diz, se apoiando no seu bastão. — Me desculpe por você ter que ouvir isso dessa maneira, mas toda gentileza e monitoração de Ethan sobre você vêm de mim. Ele estava obedecendo a ordens como meu representante quando eu não poderia estar aqui com você. Você entende isso?

Eu assinto. Ele continua.

— Apesar de ter sido preso nessa base, a verdadeira identidade de Nove é pouco conhecida. Apenas alguns dos mais importantes comandantes e alguns de nossos melhores cientistas o conhecem.

— Como o Garde soube que Nove está aqui então? – eu pergunto.

— Não sabemos – Setrákus Ra diz. Seus olhos se estreitam um pouco, e seu rosto fica sombrio. — A resposta mais óbvia é de que alguém dentro do complexo disse a eles. Alguém que têm acesso a esse tipo de informação.

Eu começo a mover a cabeça imediatamente. Eu sei aonde ele quer chegar.

— Não fui eu – eu digo. As palavras literalmente saem da minha boca. — Eu nunca faria isso. Eu sei que tecnicamente eu sou um deles, mas nunca tive nenhum tipo de comunicação com nenhum deles antes. Eu tenho tentado rastreá-los para você! Confira meu quarto. Confira todas as fitas de segurança e todos os aparelhos que tenho. Não há como eu tentar pensar *como* me comunicar com eles, muito menos...

— Relaxe, Cinco – ele diz, e sua voz deixa claro que não haverá mais comentários. — Eu não estou dizendo que foi *você*.

Ele sublinha a última palavra, me encarando.

— Você acha que foi Ethan – eu digo.

— Os humanos são trapaceiros.

— Eu posso perguntar a ele – eu digo. — Ele irá me dizer. Onde ele está?

— Ele realmente seria honesto com você? – nosso Amado Líder pergunta. — Os Mogadorianos nunca tiveram outros interesses além de você, Cinco. Mas Ethan iludiu você por um ano. Nós queríamos recrutá-lo imediatamente, mas ele nos convenceu de que você não estava pronto. Que você não era inteligente o bastante para ver a razão. Nós estamos querendo que você tenha uma participação mais ativa no nosso plano de conquista deste planeta, mas ele sempre disse que você precisava de mais tempo.

Meus pensamentos voltam para o dia em que eu estava prendendo Emma no ar. Ethan disse “ele não está pronto”.

Eu movo a cabeça novamente.

— Mas nós vimos as imagens de segurança do ataque – ele diz. — Eu vi como você pode liderar. Eu *sei* que você está pronto para dar o próximo passo. Acho que está na hora de você entrar em uma missão, não acha?

— Sim – eu digo sem hesitar. — O que posso fazer por você?

— Você sabe dos krauls que vivem aqui, certo? – Setrákus Ra pergunta. — Ou *viviam*, melhor dizendo. Muitos deles foram mortos no ataque, e outros ainda vagueiam pelos corredores do complexo.

— Eu sei.

— Quando um kraul é ferido, você sabe o que acontece com eles?

Eu movo a cabeça negativamente. Eu nunca preste muita atenção nas criaturas, além de ter certeza de que eu estava longe delas. Os túneis que levam para as gaiolas delas fedem horrores.

— Ele é devorado pelos outros. É um instinto simples de evolução que faz com que a espécie viva através dos anos. Muitas criaturas da Terra fazem a mesma coisa, ambas literalmente e biologicamente. Um animal ferido no grupo é um ponto vulnerável, uma fenda na armadura. Isso se torna mais verdadeiro quando se pensa nas espécies mais evoluídas. Aqueles que podem pensar e agir com inteligência. Aqueles que têm informações que possam ser extraídas quando eles estão fracos.

Eu tento me convencer de que ele não está preste a propor o que eu acho que ele vai propor, mas eu não consigo. Meu Cêpan me criou para ser um mentiroso, mas eu não sou *tão bom* assim.

— Você vai matar Ethan, não vai? – eu sussurro, e depois que fiz a pergunta, eu imediatamente desejo nunca ter feito, pesando que eu possa ter dado uma ideia para ele. Mesmo sabendo que este não é o caso.

— Eu não – Setrákus Ra diz. — Você vai.

Eu paro de respirar enquanto tento lidar com o que ele disse. Meus dedos estão apertados no braço da cadeira, e eu mudo de forma para um metal gelado – minha Externa está saindo do controle. Não dura muito, pois Setrákus Ra gesticula em minha direção e de repente eu sou feito de carne novamente. O poder dele é aterrorizante.

— Você deve mostrar sua aliança aos Mogadorianos oferecendo sangue. Você soube disso desde o primeiro dia que pisou aqui. Isso não será mudado.

Eu me sinto mal, mas tendo acalmar as coisas da melhor forma que consigo com minha força de vontade. A última coisa que preciso é mostrar fraqueza na frente dele.

— Você quer crescer no poder, não quer, Cinco? – ele pergunta.

— Claro que eu quero – eu digo.

E é verdade. Eu já vim até aqui agora. Não posso voltar a me esconder. E agora que eu vi a extensão da força Mogadoriana, eu sei que não há como a Garde vencê-los. Nove e Quatro talvez possam ter derrotado muitos soldados aqui, mas isso não é nada. É um pontinho da força total Mogadoriana.

— Você tem estudado o Grande Livro – meu Amado Líder diz. — O que ele diz sobre qualquer pessoa que é suspeita de traição?

— Elas devem ser destruídas – eu digo reflexivamente. Eu tento mudar as coisas. — Mas eu não acho que ele tenha feito isso.

— Você pode dizer isso com cem por cento de certeza? Você apostaria sua vida nisso?

E então eu percebo que não tenho certeza.

— Não – eu murmuro.

— Ethan é um problema para você. Ele é uma fraqueza que a Garde pode explorar. E eles *vão*. Não tenha dúvidas sobre isso. Você prefere ter ele morto com honra nos seus braços ou o ver cair nas mãos da Garde? Quem sabe o que eles poderiam fazer com ele – você viu o animal que Nove é. Você realmente quer isso para Ethan?

— Não, claro que não. – eu digo.

Minha cabeça está confusa enquanto tento processar o que Setrákus Ra está falando. Tudo faz sentido. Cada argumento se completa com o que eu tenho estudado – com o que o próprio Ethan tem me *ensinado*. Mas eu queria que houvesse outra maneira.

Eu olho pra ele. Ele está me olhando com aquele olhar de julgamento, como se ele soubesse que a maior parte de mim não quer machucar Ethan – meu único amigo. Mas então, eu não sei mais se ele é mesmo *meu amigo*. Talvez ele esteja apenas obedecendo a ordens. E se ele tiver alguma coisa relacionada ao ataque...

— Você sabe o que eu planejei fazer na cerimônia antes da Garde acabar com a maioria das nossas forças? – Setrákus Ra pergunta.

— Você iria me tornar comandante – eu digo.

— De certa maneira. – Seus lábios abrem um sorrisinho enquanto ele vê minha confusão. — Deltoch lhe ofereceu a América do Norte, você ama o Canadá, você disse quando você fez a decisão de se juntar a nós. Mas eu li os relatórios sobre você. Eu vi sua personalidade crescer. Quando este planeta cair, eu quero que você

seja aquele que eu posso contar para governar junto comigo. Eu iria te nomear como sendo minha mão direita, Cinco. Meu discípulo.

— Você quer que eu governe ao seu lado? – eu pergunto. Minha cabeça gira.

— No momento em que você aceitar esta missão, você será a segunda pessoa mais poderosa do planeta. Não há necessidade de cerimônias, apenas ação. – Ele se aproxima de mim, passando a cadeira e colocando sua mão no meu ombro. — Ethan tem uma responsabilidade, Cinco. Ele tem que lidar com ela se você quer ascender.

E tudo isso é verdade. Eu tenho um potencial sem fim. Eu vou liderar ao lado do nosso Amado Líder. Eu finalmente voltarei ao Canadá, o qual eu gostei muito quando eu era pequeno – mas esta vez eu não estarei com medo. Eu serei aquele que todos irão amar e respeitar. Ou temer. Mas para que isso seja realidade, eu tenho que fazer uma coisa. Uma pequena coisa.

Eu tenho que fazer.

— Eu aceito, meu Amado Líder – eu digo, mas no fundo, estou me perguntando se consigo achar outra maneira de fazer isso. Como eu fiz com Emma. Eu apenas preciso de tempo para pensar.

Setrákus Ra sorri.

— Você tem quarenta e oito horas – ele diz. — Desde que ficamos incertos sobre a lealdade dele, nós o mandamos de volta para a casa segura dos Mogs em Miami. Você deve saber onde fica – você viveu lá por um ano. Estamos vigiando o local. Você não deve encontrar nenhuma dificuldade para entrar. Se você não conseguir matá-lo, você não é nada mais do que um kraul ferido.

Não é difícil entender o que ele está dizendo. Se eu falhar nisso, eu sou o problema. Eu acabarei em uma cela como Nove. Ou pior. Eles irão matar Ethan de qualquer jeito – provavelmente na minha frente. Ou vão torturá-lo, deixando seu sangue se esgotar enquanto eu vejo refletindo minhas escolhas.

Mas eu não sou fraco. Eu não sou o problema. Eu sou um cara com potencial sem fim e poder.

Eu serei o futuro líder desse planeta desamparado.

Por mais que eu pertença a Ethan, nosso Amado Líder me convenceu. Ele não tem mais um lugar aqui. A melhor coisa que eu posso fazer é ter certeza de que sua morte será indolor e rápida.

— Eu vou preparar uma nave para você – Setrákus Ra diz. Ele volta para frente da minha cadeira e me estende a mão. Eu a seguro, e ele me levanta.

— Está tudo bem – eu digo. — Posso chegar lá sozinho.

CAPÍTULO OITO

SÃO MAIS DE MIL QUILOMETROS E MEIO ENTRE A WEST VIRGINIA E meu destino em Miami. Eu poderia ter pegado um avião ou uma nave – na verdade eu mal posso esperar para ver quais os tipos de transporte que os Mogs têm que eu não vi – mas eu escolho ir sozinho. Voar sozinho. Por parte por que eu sei que a longa distância de voo será um treino para mim, e por parte porque eu preciso limpar meus pensamentos e focar na minha missão, e eu sei que isso não será uma coisa fácil de fazer se houver pessoas ao meu redor.

Além disso, eu tenho vivido no complexo com milhares de pessoas há meses. Sempre vigiado. Eu poderia usar este tempo para mim.

Setrákus Ra concordou em me deixar ir sozinho e não me fez usar nenhum tipo de rastreador ou aparelho de comunicação. Pelo contrário, ele me desejou sorte e um dos cientistas me deu um tipo de roupa que encaixa em mim como se fosse uma segunda pele. Eu a visto por baixo da roupa para poder superar o frio do ar nas altas altitudes. Eu não tenho certeza do que vai acontecer depois, então eu coloquei minha Arca Lórica em uma mochila que está nas minhas costas. Não quero deixá-la para trás.

E então eu saí.

Eu fico acima das nuvens para que ninguém no chão tenha a chance de me ver e também para não haver insetos se chocando com meu rosto todo o tempo. Eu desvio de alguns aviões aqui e ali, mas eu apenas saio de perto para nos mantermos com distância. E então sou eu e o céu. E meus pensamentos.

Eu tenho quase dois mil quilômetros para colocar na minha cabeça que eu tenho que matar Ethan. Porque, por mais que eu tenha mostrado coragem para meu Amado Líder, ainda há uma grande parte de mim que precisa ser convencida.

Essa conversa com Setrákus Ra fica se repetindo várias e várias vezes na minha cabeça enquanto eu tento me lembrar do motivo pelo qual estou indo para Miami – que eu não posso virar para direita ou seguir reto e ir para o Oriente Médio ou para o Canadá. Eu *quero* ser

o braço direito do nosso Amado Líder. Eu quero governar. Eu não quero voltar a me esconder, onde eu nunca me senti seguro e onde não posso mostrar meus poderes. Especialmente agora que parece que o feitiço foi quebrado.

Eu sou mortal. Eu posso ser machucado e morto. Mesmo se eu quisesse trair os Mogs, não há como eles me deixarem vivo.

A rota que pego para Miami está perto da rota da trilha dos Apalaches que eu fiz com Rey quando era garotinho, quando sua tosse começou a piorar e nós nos mudamos para os estados do sul e para as ilhas. Eu provavelmente não teria percebido isso se Ethan não tivesse me mostrado um mapa daquela viagem recentemente. Mas quando eu era uma criança naquelas trilhas, nos movíamos devagar, e eu estava assustado o tempo todo e com medo de que a qualquer momento os Mogs apareceriam e me levariam. É quase engraçado lembrar de como estou agora, voando como um jato, não dos Mogs, mas para eles.

Eu penso no Rey pela primeira vez em semanas. Essa parte da minha vida já se parece tão distante, como se fosse um sonho estranho que eu de repente acordei. Eu me pergunto o que ele diria se soubesse o que estou fazendo. Não é que Rey não fosse um assassino, eu penso em todos os animais que ele esquartejou para comermos quando vivíamos na ilha, ou até mesmo as cobras que ele decapitou apenas para ter certeza de que elas não nos atacariam. E então eu percebo pela primeira vez que Rey matou outras coisas também. Pessoas. Mogadorianos. Quando os Mogs vieram atrás de mim no Canadá – quando eu havia me escondido em uma árvore assustado e com medo dos bichos papões que Rey dizia que viria me pegar – ele os matou. Os transformou em cinzas na minha frente. E eu nunca pensei nisso como sendo uma coisa má porque ele sempre me disse que eles eram mal. Ele os matou sem pensar duas vezes porque ele pensou que eles sempre seriam uma ameaça.

É isso que eu estou fazendo, certo? Talvez Rey entendesse completamente a missão a qual estou fazendo. Eu me pergunto se ele pelo menos veria razão se ele não tivesse adoecido e tivesse realmente se sentado com os Mogs e *conversado* com eles invés de apenas seguir cegamente as ordens Lóricas para destruí-los.

Eu paro em algum lugar da Geórgia para me reabastecer com alguns hambúrgueres. Os Mogs me deram um saco cheio de dinheiro para usar caso eu precisasse de abrigo durante a noite, mas minha adrenalina está no alto. E então eu vou para o céu novamente.

Eu tenho que me focar.

Como eu vou fazer o que tenho que fazer?

A coisa mais fácil seria usar telecinese, eu acho. Eu poderia apenas sufocar Ethan no momento em que eu ver ele. Não precisaríamos nem conversar. Ou eu poderia levá-lo para o céu e jogá-lo no mar. Ou eu poderia usar minha Externa para me transformar em uma espada andante. Eu percebo que há milhares de maneiras diferentes para eu atingir meu objetivo, - mil maneiras diferentes de matar - e eu me pergunto como devo escolher uma que seja perfeita, humana, sem dor e honrável. Como eu devo fazer isso?

Eu me pergunto se Ethan estava realmente envolvido no ataque à base. Eu não quero pensar que isso seja possível, mas poderia. E eu acho que isso é o que importa. A pequena gota de dúvida é o tipo de coisa que deve ser eliminada. Assim como resto dos inimigos de Mogadore. Assim como é dito no Grande Livro.

Não acho que isso seja uma decisão minha. Setrákus Ra determinou o destino de Ethan. Ele vai morrer, eu sendo o assassino ou não. Se eu não fizer isso, quem fará? Eles o jogariam em uma cela ou coisa assim? O torturariam? Eu não quero que ele passe por isso.

Eu estou fazendo a coisa certa.

É quase meia-noite quando eu chego à casa da praia, e nesse ponto estou completamente exausto. O lugar é tão bom quanto me lembro. Faz quanto tempo que a vi pela primeira vez? Um ano e meio? Dois anos? Eu acho que eu não estava contando o tempo enquanto estive na base. Mas ver a casa novamente pela primeira vez em meses faz com meu estômago se embrulhe. É uma sensação estranha, uma que eu não estou acostumado.

Alguma coisa parecida como ir para casa.

Eu voo no ar na frente do portão e digo a mim mesmo que não é tarde demais. Eu posso me virar e ir embora. Mas ao mesmo tempo em que estou pensando nisso, meus pés estão no chão e meu dedo está na campainha e há outra voz na minha cabeça dizendo, “Só há uma maneira, e quando estiver feito, você será o líder desse lugar”.

Um servo atende à porta - uma mulher que eu não reconheço, mas que deve me conhecer porque ela solta um grunhido quando me vê e corre para dentro, desaparecendo. Há um tipo de comoção na sala de estar, e então Ethan aparece.

Ele mudou tanto em tão pouco tempo.

Seu braço direito foi amputado até o cotovelo, e está enrolado em um pano de algodão. Ele tem band-aids do lado direito do rosto. Há uma marca escura ameaçando sangrar do outro lado do rosto. Eu sabia que seu olho estava mal, mas parece que a lava verde corroeu metade do seu rosto. Quando ele me vê, ele tenta sorrir, e acaba

estremecendo, e eu vejo o ferimento mais grotesco imaginável abaixo da gás de algodão.

Faça agora, eu penso. *Agora é a hora. Apenas acabe logo, acabe logo aqui.*

Mas ele fala. E eu não consigo.

— Eu sei que não sobrou muito de mim para olhar – ele diz.

— Apenas estou grato de que você está vivo – eu digo. Assim que as palavras saem da minha boca eu sei o quão ridículas elas soam, mas eu não consigo impedi-las. É como se minha mente tivesse ligado o piloto automático e está me fazendo dizer coisas que eu sei que uma pessoa normal diria. Estou mentindo. Apenas mentindo.

— Estava preocupado, eu não me lembro de muito do que aconteceu realmente. Quando eu acordei, eu estava em um helicóptero Mogadoriano. Eles me trataram com alguma coisa que reagiu contra os efeitos que a coisa verde fez comigo... – ele levanta o que sobrou do seu braço esquerdo. — A medicina deles é muito avançada, mas o dando já havia sido feito. Eles me disseram que você estava bem, pelo menos. Que você me salvou quando eu quase caí no rio verde.

Eu assinto.

— Mas os intrusos escaparam, certo? – ele pergunta.

— Sim, eles conseguiram.

Ethan sorri um pouco e mexe a cabeça, embora eu não ache nada engraçado. E então sua expressão se torna muito séria em um segundo.

— Isso é uma vergonha – ele diz, em um tom de voz que eu nunca ouvi antes.

Eu apenas assinto. Ele estreita seu olho bom enquanto me observa.

— Você tem uma mochila nos ombros, e seu cabelo está embaraçado. Não me diga que você voou de lá até aqui.

— Foi um bom treino – eu disse.

— Jesus. Quem o forçou a fazer isso?

— Ninguém. Eu sugeri.

Ethan apenas assente.

— Você superou todos os seus professores – ele diz, quietamente.

— Estamos prestes a começar a próxima fase da minha missão – eu digo. — O jogo final está prestes a começar. Eu tenho quarenta e oito horas antes de eu precisar voltar. Bem, menos do que isso agora. Mais ou menos um dia.

As palavras continuam saindo porque parte de mim quer ir em frente. Talvez porque eu saiba que quanto mais cedo eu finalizar a missão, tudo irá acontecer mais rápido depois. E da mesma maneira

que estou pronto para assumir meu lugar ao lado do nosso Amado Líder, eu quero passar minhas últimas horas em calma antes da tempestade.

Ou talvez – mais por causa disso – porque Ethan é minha fraqueza. E vê-lo aqui na casa onde ele me abrigou e me treinou é demais para mim, e eu não consigo seguir a diante com minha tarefa. Não ainda.

— Você parece cansado – Ethan sorri o melhor que pode em baixo do seu bandaid. — Seu velho quarto está vazio. O que acha de irmos lá depois do café da manhã? Eu tenho certeza de que aconteceu muita coisa depois do ataque. Você vai ficar aqui, certo?

— Sim – eu digo. — Apenas por uma noite. Eu só vim para me despedir.

CAPÍTULO NOVE

EMBORA EU ESTEJE SOBRECARRREGADO PELA NOSTALGIA DE ESTAR NO meu velho quarto, eu desmaio no momento que deito na cama, ainda arrumada. Meu voo foi muito bom mas, acabou com minha energia. Mas não é um sonho tranquilo ou profundo o que eu entro. Eu acordo muitas vezes durante a noite suado, até que finalmente, eu me irrita e me levanto da cama.

Está escuro lá fora, mas há uns pontinhos de luzes que vem da praia. No closet do meu quarto, eu encontro um monte de roupas velhas que pertenceram a mim. Eu me troco, colocando sobre a camiseta um moletom com touca. Eu não quero acordar ninguém na casa – especialmente Ethan, com quem eu teria que conversar um pouco – então eu abro a janela do meu quarto e saio. Eu trago minha Arca comigo enquanto flutuo até a água – eu só preciso de uma coisa fora dela, mas catalogar os objetos da Arca sempre me ajuda no foco quando preciso. Na praia, eu tiro meus sapatos e enrolo as calças até o joelho. Há um ruído no ar vindo do oceano. A areia está gelada entre meus dedos enquanto eu enterro meu pé nela.

Já faz muito tempo desde que eu coloquei os pés na areia.

O nascer do sol parece diferente na Flórida comparado a West Virginia. Talvez seja porque eu passei muito tempo no subsolo e não tenho o sentido na pele ultimamente. Eu coloco minha Arca no chão perto de mim e a abro, passando a mão no cadeado. E então eu deixo meus dedos passarem sobre os outros itens, até eu pegar o arquivo sobre Nove que Deltoch me deu um tempo atrás. Os papéis estão esfarrapados e desmoronando onde eu os guardei e então eu os abro novamente. Eu os releio para me lembrar de que embora os Mogs me reconheçam pelo que sou, a Garde não. Que meu futuro é ser um líder, não um servo para um bando de loriens velhos mortos que me enviaram para a Terra com uma missão impossível.

Eu leio as páginas para me concentrar. Para ter meu sangue fluindo com raiva. Para me preparar sobre o que estou prestes a fazer.

Para o que eu *tenho* que fazer. Apenas esta única coisa e o mundo será meu. Todo o poder que eu possivelmente poderia querer.

Em algum lugar à minha esquerda, gaivotas fazem barulhos. A maior parte da minha vida eu queria ter passado fora da ilha deserta. Eu queria estar em ação, ligado aos acontecimentos. Nas cidades. Nas batalhas. Mas sentado aqui agora, por um momento eu meio que desejei que eu pudesse desaparecer e me tornar um anônimo no mapa novamente. Não para sempre, mas por um dia ou dois. Mesmo eu odiando a ilha, havia meio que paz por que não havia ninguém por lá ou nada para fazer.

Mas então Ethan aparece e esse momento passa. — Bom dia – ele diz.

— Hey – eu digo, puxando as mangas do meu moletom até as pontas dos dedos — Você acordou cedo.

— Eu queria observar o nascer do sol – ele diz, olhando através do oceano — eu não tenho visto por um bom tempo. É mais bonito do que eu me lembrava.

O curativo no seu rosto parece recente. A manga direita da sua blusa branca está enrolada até o cotovelo. Ele percebe que eu estou olhando para lá e dá de ombros.

O vento fica mais forte, e leva os papéis das minhas mãos para o mar. Eu me levanto e corro atrás deles instintivamente, até eu poder focar nas páginas amassadas e trazê-las de volta com meus dedos através da minha telecinese. Mesmo quando eu tenho todos os papéis em minhas mãos novamente, eu me mantenho de costas para Ethan. Eu penso em todas as coisas que ele fez por mim nos últimos anos – eu não consigo evitar, mesmo eu querendo não pensar nisso. Me ajudando a entender meus Legados. Me treinando. Me alimentando. Ele agiu como um Cêpan que eu sempre quis. Agiu como um amigo.

Mas então, aquelas foram as ordens dele.

Eu ouço um clique, e quando me viro minha Arca está fechada. Ethan está parado atrás dela.

— Não queria que você tivesse areia no meio destes importantes itens Lóricos.

Eu assinto.

Ele tenta sorrir o máximo que pode. Aquele sorriso que ele sempre esbanjou.

Eu me pergunto por um momento se talvez haja outra maneira de fazer isto. Talvez eu possa levar o corpo de outra pessoa para os Mogs e dizer que é do Ethan. Mas eles saberiam, não é? Obviamente eles estão me observando agora. Além disso, onde eu arrumaria outro corpo?

Eu tenho que pensar no meu futuro. Pensar no que pode acontecer se eu não fizer isto.

— Como se sente? – ele pergunta. — Animado por estar fora do complexo por alguns momentos? Você está diante de uma nova vida.

— Sim – eu digo, tentando parecer feliz no meu tom de voz. — Mal posso esperar.

Eu não digo nada por alguns momentos. Eu percebo que ele não perguntou o que vou ter que fazer agora que Nove escapou e meio que meu passaporte para o próximo nível já era, ou como os Mogs vão revidar. Ele não me perguntou nada sobre o ataque no complexo. Ou se eu conheci Setrákus Ra.

— Está com fome? – ele pergunta.

— Não muito.

Eu me lembro da primeira vez que nós conversamos a sós, a frente de uma mesa gigante de comida. Eu me enchi com pratos caros enquanto ele me falava sobre o trabalho ótimo que eu estava fazendo para ele. Ele me disse que eu o lembrava do irmão dele, quem foi um ladrão nas ruas como eu, mas não tinha sobrevivido. Ao contrário do irmão dele, eu tinha um potencial sem fim e habilidades. E eu me senti mal pelo Ethan, mas também orgulhoso de mim. De *nós*. Como se tivéssemos um vínculo inerente. Então, na mesma conversa, quando ele me chamou de “o futuro”, eu ouvi.

Eu percebi que toda esta história do seu passado provavelmente é uma mentira.

— O que aconteceu com seu irmão? – eu pergunto.

— Que irmão? – Ethan parece confuso.

E isso é tudo que eu preciso ouvir. É tudo o que eu preciso para me lembrar de que Ethan tem me manipulado, como Setrákus Ra disse. Ele me disse mentiras desde o começo para ganhar minha confiança e me usar. Todas as palavras que ele disse para mim precisam ser reexaminadas e confirmadas.

Ethan não é meu amigo. Ele é apenas mais um humano que queria estar do lado do poder. Ele é minha fraqueza. A coisa que precisar ser retirada da minha vida. O inimigo insignificante quem deve ser derrotado para que ele não possa crescer.

Eu observo Ethan e tento conectar os pontos na expressão de Ethan. E de repente seu rosto exibe um sorriso triste.

— Oh – ele diz. E isso é tudo.

Eu ando até ele, meu pé descalço afundando na areia. Ele está sorrindo para mim agora, mas não é o mesmo sorriso que ele mostra normalmente. Esse é mais autêntico.

Assim que estou a mais ou menos um metro dele, ele descruza os braços.

— Você vai ser um excelente líder, Cinco – ele diz. — Estou orgulhoso de você.

Eu abraço Ethan. Seus braços se encaixam ao redor do meu corpo enquanto ele dá uns tapinhas na minha costa. Ele solta um suspiro longo, e então começa a dizer alguma coisa. Eu o impeço antes que ele continue. Eu não vou aguentar ouvi-lo falar mais alguma coisa.

— Ethan, eu realmente sinto muito por causa disso. Mas é para o seu próprio bem.

Eu posso sentir seu corpo se inclinar ao que a lâmina sai do meu antebraço e atravessa seu peito. Ela desliza entre as costelas – com sorte – e então ela se retrai para baixo da minha manga novamente. Acabou rapidamente. Eu dou um passo para trás. Ele está congelado, provavelmente em choque. Há um ponto profundo com sangue saindo do lado direito do peito dele onde a lâmina deve ter perfurado a pele. O sangue escorre da lâmina escondida na minha manga, escorrendo pela minha mão e caindo na areia.

— Está acabado – eu murmuro, mais para mim do que para Ethan. Ele provavelmente não está prestando muita atenção no que eu disse. Lágrimas estão escorrendo do seu olho bom, mas eu não sei se elas são para mim ou para ele.

Ele pisca uma vez e então cai na areia com um baque.

Eu queria que ele fosse um Mog. Se ele fosse um Mog, pelo menos seu corpo se tornaria cinzas e ele desapareceria.

Mas está seria a *última* coisa que eu desejaria. A partir de agora, tudo o que eu quiser, eu terei. Eu pegarei. Porque eu ofereci um sacrifício para os Mogadorianos, e agora eu os lidero. E os humanos. Isso foi necessário. Teve que ser feito.

Estas são as coisas das quais eu penso enquanto vou até o oceano para limpar o sangue de Ethan das minhas mãos.

Em algum lugar atrás de mim eu ouço um helicóptero se aproximando. Os Mogs, claro, deveriam estar observando cada movimento que eu fiz.

CAPÍTULO DEZ

EU SOU O NÚMERO CINCO: A MÃO DIREITA DE SETRÁKUS RA.

O comandante Deltoch está no helicóptero que pousa ao lado da casa da praia. Ele tem a mesma expressão carrancuda de sempre, mas me saúda quando eu me aproximo – uma coisa que ele nunca havia feito antes. Eu sou tecnicamente o superior dele agora que eu completei minha missão. Eu deveria me sentir excitado sobre isso, mas eu apenas me sinto um pouco entorpecido. É provavelmente a melhor expressão. Ninguém obedece a um superior sorridente.

Eu me pergunto se minha expressão é igual à de Deltoch. Eu me pergunto se ele teve que se provar leal para se tornar um comandante também.

Nós vamos de helicóptero até a base em Everglades que os Mogs preparam para mim para usar até eu decidir onde minha Central de Comando será. Deltoch me diz que nosso Amado Líder gostaria de ter estado conosco em pessoa, mas ele está ocupado interrogando o humano que foi capturado durante a invasão de Quatro na base, apenas para o caso de ele poder ter informações. Depois de me parabenizar pela minha ascensão, Deltoch me presenteia com um uniforme oficial Mogadoriano.

E sou oficialmente um deles agora.

Ao longo das semanas seguintes, eu divido meu tempo entre o estudo da Expansão Mogadoriana e as visitas nas outras bases que estão espalhadas pelo país, e também nas Américas do Sul e Central. Deltoch me acompanha. Parece que ele será minha sombra por algum tempo, me ensinando como as tropas Mogadorianas são comandadas. Me mostrando coisas. Em toda base, eu sou apresentado para o oficial de maior hierarquia no império Mogadoriano, abaixo apenas do nosso Amado Líder. Eu estou parado em cima de um palco a frente de milhares de tropas quem me saúdam e gritam meu nome – prontos para lutarem para mim ou para me defenderem, e até para morrer por mim se eu mandar.

Eu mal posso ouvir meus pensamentos sob o barulho da comemoração. Eu sou o poder agora. Logo, o mundo todo me conhecerá como sendo seu superior.

E a Garde me conhecerá também.

Eu realmente não tenho muito tempo livre agora, e quando tenho, é normalmente gastado nas mesmas coisas que já estão na minha cabeça – eu posso ser oficialmente o discípulo e mão direita de Setrákus Ra, mas isso apenas significa que eu tenho que impressioná-la ainda mais. Com isso, me manter ocupado lendo arquivos sobre a Garde e relatórios das bases ao redor do mundo fazem com que minha mente se ocupe com estratégias e táticas e eu não tenho tempo para pensar sobre Ethan, ou o que aconteceu com o corpo dele, ou sobre a marca de sangue que apareceu nele depois que eu me afastei.

Eu não posso me permitir a esses pensamentos. Eu não posso ter fraquezas.

É seguro dizer que Seis e Quatro têm trabalhado juntos. Então quando nossas forças na Espanha relatam que Seis atacou eles e acolheu outro suspeito a ser Garde, temos que presumir que seja Sete ou Oito. Isso faz com que apenas um Garde fique de fora, embora seja possível que Quatro e os outros já tenham quem quer que seja e estão conseguindo mantê-lo ou mantê-la escondido de nós. Eu não estou surpreso se todos eles estiverem juntos. Isso é o que eu sempre temia – que eles estariam trabalhando em grupo sem mim. Eu me pergunto se eles finalmente estão se preparando para ir ao Caribe atrás da minha velha cabana, procurar rastros.

Não importa. Agora eu não tenho medos.

Apenas quando uma coisa acontece em uma das bases no sudoeste do país que Setrákus Ra revela seu plano para mim.

Chegou a hora de conhecer meus companheiros lóricos. Eu vou me infiltrar e descobrir seus segredos. Então eu vou separar o grupo para que os Mogs apareçam, assim eles estarão fracos e serão pegos de surpresa. Os que forem espertos irão se juntar a nós e viver no paraíso. Os idiotas que virarem as costas para a razão vão morrer. Dividir e conquistar. Uma simples e rápida estratégia que está evidenciada nos livros de guerra que eu li.

A única parte do plano que Setrákus Ra não me disse é como eu devo separar a Garde. Eu pensei em um grande plano sozinho. Minha Arca. Ela tem itens poderosos – não que eu tenha descoberto como usá-los. Nossas Arcas são importantes para o futuro de Lorien. E então se eu disse que a minha está em algum lugar cheia de itens úteis – que eu tive que esconder para não correr o risco dela ser tomada de mim – eu posso trazer alguns deles comigo em uma missão de resgate.

Talvez eu faça com que Nove venha comigo e então eu mostro para ele que eu não sou um fraco igual ele.

E é então que eu me encontro voado sobre uma vegetação densa e com águas verdes numa noite em Everglades, procurando pelo lugar perfeito para esconder minha Arca e trazer a Garde. Longe o bastante para que eles não descubram a base Mogadoriana, mas perto o bastante pra que eu possa chamar o reforço se for necessário. Se eles taparem os ouvidos quando eu tentar mostrar a razão para eles.

Eu quero fazer com calma e ter certeza de que eu vou encontrar o lugar facilmente depois, então eu deixo meus seguranças particulares e as tropas para trás. Eu vou sozinho enterrar minha Arca.

Depois de andar em círculos no escuro por mais ou menos uma hora, eu desço em uma ilha de musgo que parece que está escondida bem longe, mas que pode ser alcançada facilmente de barco. Uma árvore única gigante cresce no centro dela. As raízes da planta apontam para várias direções ao redor da ilha e em volta do lugar todo. É um pouco assustador e bem fácil de localizar do ar.

Eu gostei.

Eu pouso e me estico um pouco antes de começar o trabalho. Pelo canto do olho eu vejo um movimento. Eu me viro, esticando minha mão, pronto para usar telecinese contra quem quer que esteja atrás de mim. Mas é apenas um jacaré, emergindo apenas com sua cabeça fora d'água – olhos negros me encarando, o intruso.

Me ocorre que esta Arca precisa de um guardião enquanto eu estiver longe. Eu me pergunto se um píken poderia ser mandando para mantê-la em segurança. Caramba, eu ouvi que os cientistas mogadorianos estão fazendo experimentos com criaturas da Terra e de Lorien. Talvez eles possam mandar algo totalmente novo para o lugar. Talvez eu possa até criar minha própria criatura.

Com algumas pancadas de telecinese no chão, eu tenho um buraco de tamanho suficiente no musgo. Eu abro minha Arca para dar uma última olhada nos objetos, fazendo um mapa mental completo. Eu mantenho a lâmina comigo, no meu braço, onde eu sinto que lá que ela pertence. O perigo escondido e indetectável completamente.

E é então que eu vejo. Alguma coisa estranha enfiada de qualquer jeito abaixo dos outros itens da Arca. Um papel colorido dentro de um pequeno envelope retangular com meu nome nele. Eu reconheço a letra imediatamente.

Ethan.

O fato de ter alguma coisa na minha Arca que *eu* não ter colocado lá não faz sentido. Não tem como Ethan ter aberto a Arca para colocar isso lá dentro. A única vez que ele poderia ter posto...

Aquele dia na praia. O dia que eu o matei. Com todo esse tempo visitando bases, eu nunca havia aberto minha Arca desde o dia em que eu completei minha missão.

Eu tento juntar tudo para ter uma resposta sobre o que isso significa. A voz de Ethan paira na minha mente. *Eles sempre estão vigiando*. Ele queria ter certeza de que eu fosse a única pessoa ver o que está escrito no papel dentro do envelope. Outra coisa vem a minha mente. Ethan me viu mexer na minha Arca muitas vezes antes, me ajudou a catalogar todo o conteúdo dela, tenho certeza de que ele notou que minha lâmina não estava na Arca no dia que eu o matei. Que eu estava usando. Meu estômago dá voltas.

Eu abro o envelope e leio.

Cinco,

Na hora que você estiver lendo isto, provavelmente eu estarei morto – e provavelmente por suas mãos. Presumindo que isso é verdade, eu não vou me envergonhar em dizer a você para que não fique chateado com isso. Eu estava vivendo em um tempo emprestado pelos Mogadorianos, de qualquer jeito. Com certeza você viu o que acontece com aqueles que se tornam inúteis. E vamos encarar a verdade – eu não estava exatamente em forma, não mais. Pelo menos ao me matar, você provou sua lealdade, então agora eles podem estar te promovendo o mais rápido possível. (Por favor, não pense em mim como alguém que sofreu muito. Se houvesse qualquer chance de eu escapar dos Mogadorianos ileso, eu teria).

Eu nem sempre fui um mentor perfeito para você, mas deixe-me ensiná-lo uma última tarefa: pense por si mesmo. Você deve questionar tudo e qualquer coisa que os Mogadorianos te disserem. Questione tudo o que eu lhe disse. Tudo o que os Mogadorianos te disseram ou deram para você tem um propósito: manter você lutando para eles. Por exemplo, os arquivos sobre Nove? Eu apostaria tudo que todas aquelas palavras foram ditas por alguém como Deltoch, e não pelo Cêpan de Nove.

O melhor tipo de prisioneiro é aquele que não sabe que está preso.

Lembre-se de que você é poderoso e de que suas habilidades servem-se para apenas um mestre: você. Eu fiz tudo o que eu pude para suportar este mundo. Espero que faça também, mas que acabe com mais sucesso do que eu. Sobrevivência é tudo, Cinco. Nunca coloque ninguém a frente de você mesmo. Muito menos Setrákus Ra.

Faça o que for preciso para se manter vivo, e não se arrependa de nada.

Seu amigo, Ethan.

P.S. Tivemos um bom tempo juntos, não tivemos?

Minha respiração fica pesada, e eu sinto como se tivesse um buraco se abrindo no meu peito que não deveria estar lá. Ele sabia que eu iria matá-lo, e não me impediu.

Eu matei meu único amigo.

Eu o almadiquei. Porque foi ele quem me recrutou, e fez amizade comigo, e me fez preocupar com ele, e então me deixou matá-lo. Porque agora ele não está mais aqui para me guiar e provavelmente não teve nada a ver com o ataque na base já que ele se sacrificou para minha ascensão. E porque se ele tivesse me dito que sabia o que realmente estava acontecendo assim que eu apareci na casa de praia, nós poderíamos ter encontrado outra maneira.

Eu me pergunto se ele estava certo na floresta com Emma quando ele disse que eu não estava preparado para tudo isso. Por um momento, eu me pergunto se estou ou não pronto para meu lugar ao lado de Setrákus Ra.

Mas há outra maneira. Minha melhor chance de sobrevivência é com os Mogs. Ethan sabia disso, e eu sei também. Não há maneiras de a Garde vencê-los. Um grupo de adolescentes contra um exército – apenas um idiota escolheria o lado deles. E para me manter do lado dos Mogs, eu tive que matar o Ethan. Sobrevivência.

Então por que eu sinto que meu peito está com um vazio?

A lâmina no meu braço de repente fica pesada e construtiva. Eu a retiro e jogo ela dentro da Arca, e então jogo tudo no buraco. A carta de Ethan vai para meus bolsos. E então eu uso minha telecinese para cobrir tudo, jogando areia e terra para dentro do buraco. A ação é tão familiar, e então eu percebo que eu já usei meus Legados para enterrar outra coisa antes. De volta na ilha, quando Rey morreu. Jogando tudo para dentro do buraco igual eu estou fazendo agora. E eu penso no último conselho de Rey. *Faça o que for preciso para se manter vivo.*

É estranho como as últimas palavras de Ethan foram as mesmas. Claro, Rey provavelmente quis dizer que eu tinha que sobreviver por Lorien, mas o princípio básico é o mesmo.

Eu me pergunto como eu consegui ficar nesta situação com dois guardiões mortos. Eu continuo a dizer para mim mesmo uma única coisa: *isso não é minha culpa*. Eu estou fazendo o que Ethan iria querer que eu faça – viver pelos Mogadorianos. Isso é culpa *dele*, se tenho que culpar alguém.

Não, não do Ethan. Isso é culpa do *Nove*. E do Quatro. Se eles não tivessem aparecido e feito o que fizeram, eu poderia ter executado Nove como era o plano inicial, e nada disso teria acontecido. Nove estaria morto e Ethan estaria vivo e Setrákus Ra estaria me coroando como seu discípulo porque eu matei um dos Lorienos restantes. Mas a

Garde tinha que arruinar tudo para mim, e agora tudo virou uma merda. A foto de Nove em minha sala de estudos está gravada na minha mente de uma forma que eu consigo vislumbra-la claramente, mesmo estando suado perto de um buraco recém-coberto no meio do Everglades. Eu foco na raiva que está crescendo dentro de mim. Ele vai pagar pelo que ele me forçou fazer. De alguma maneira, de algum jeito. Os outros Gardes com sorte irão ver a razão, mas ele não vai. E isso está ótimo para mim.

Eu o verei morto.

Eu coloco a mão no bolso e pego a bolinha de metal que Ethan me deu para praticar. Um presente. Está gelada na minha mão, e eu foco nela, tentando desligar o meu cérebro o mais rápido que consigo – pensar em nada mais no mundo além do fato de que talvez eu assassinei a única pessoa que estava realmente cuidando de mim. Enquanto meu corpo adere as propriedades da bolinha de metal, eu começo a me acalmar um pouco. Minha pele fica dura. Estou intocável. Há uma coisa confortável em se tornar um mental ambulante. Se tornar algo frio e inquebrável.



Eu não tenho tempo para me afundar nos sentimentos. Eu não tenho tempo para sentir pena ou arrependimento. O próximo dia nosso plano entra em ação.

Começa em um milharal.

Eu flutuo sobre ele. Usando meus poderes telecinéticos, eu desenho no milho o meu símbolo Lórico, o que está gravado na minha arca. Eu esvazio duas latas gigantes de gás na vegetação. O milho está molhado por causa de uma tempestade recente, mas isso é perfeito – isso apenas significa que meu símbolo se queimará sozinho por alguns minutos antes de se espalhar pelo resto do campo.

Eu olho ao redor. Está escuro. Não há ninguém aqui por exceção de mim e dos milhos, e das fazendas que irão perceber o fogo assim que eu acendê-lo. Eu coloco minhas mãos dentro do bolso do meu uniforme preto Mogadoriano e puxo a cara que Ethan deixou para mim, junto com as pastas sobre Nove. Eu não posso guardar esta carta. O seu conteúdo é negligente. Além disso, carregar por aí uma carta que Ethan deixou para mim seria sinal de fraqueza, e eu não posso tê-los. Me sinto estúpido por não ter me livrado disso nos Everglades. Também, a única maneira de honrar Ethan é deixar suas palavras vivas. E então eu uso minha telecinese para rasgar os papéis ao meio do milharal molhado.

Parte de mim inegavelmente está triste pela morte de Ethan, mas eu percebo que sem ele por perto, eu não tenho ninguém para me

preocupar. E eu prometo a mim mesmo que eu não vou deixar mais ninguém ser minha fraqueza novamente. Eu não vou deixar ninguém se aproximar demais de mim. Por que ter amigos quando eu posso ter tropas? Eu não *preciso* de ninguém.

Eu sou destemido.

Do outro bolso, eu pego um isqueiro de metal. Eu o acendo e o jogo no ar, que cai ao lado do papel rasgado. De repente, estou voando sobre o testamento da minha grandeza em chamas. Esse símbolo será impossível de não ser percebido.

Eu voo para o alto em direção a uma nave que está sobrevoando as nuvens. Ela é branca e perfeitamente redonda. Uma pequena passagem se abre de um lado enquanto eu me aproximo – minha entrada.

Dentro da nave, eu me deixo relaxar um pouco. Eu estralo meus dedos e me espreguiço. Eu penso sobre minha lâmina escondida, que está enterrada com minha Arca em Everglades. Eu fui estúpido por ficar tão emocionado ontem. Um idiota. Mas eu não vou cometer este erro novamente, a menos que eu queria morrer. A partir de agora, nada mais importa além de me manter vivo, e isso significa deixar os Mogs felizes.

Há um estrondo de um trovão do lado de fora enquanto eu entro na sala de comando da nave. Setrákus Ra está parado diante de uma janela gigante, ladeado de dois monitores que ficam atualizando coisas escritas em Mogadoriano. Estou aprendendo o idioma, mas eu não estou bom o suficiente para ler as coisas que estão na tela, não ainda. Os olhos do nosso Amado Líder está fixo no símbolo que eu deixei queimando, e que está ficando distante enquanto a nave se distancia.

— Este é o começo do fim da Garde – ele diz. Sua voz está calma, e não há tom de dúvida nela.

Eu sento no meu lugar ao lado dele.

— Você está preocupado? – ele pergunta. — De que você não seja capaz de se infiltrar no meio deles?

— Não – eu digo honestamente. — Eu posso ser um mentiroso excelente quando eu preciso. Será simples. Eu apenas não vou dizer nada com verdade para eles. Eu vou ser como um jogo que eu costumava jogar quando eu era mais jovem. Antes dos Mogadorianos me salvarem.

— Eu não tenho dúvidas de que você será outra pessoa.

Ele sorri e coloca a mão nos meus ombros.

— A mesma chance que foi dada a mim será dada a eles, certo? – eu pergunto. — Eu posso tentar descobrir qual deles se uniria a nós.

— Claro. Você é meu braço direito, Cinco. Mas eu já vi que um deles será meu braço esquerdo. Você irá me ajudar a fazer com que ela veja a razão.

Ela?

— E o Nove? – eu pergunto.

Setrákus Ra sorri.

— Eu vou deixar isso com você quando a hora chegar.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Eu me pergunto o que a Garde está fazendo neste momento. O que Nove está fazendo. Será que eles estão tentando descobrir o que os Mogs estão planejando? Será que eles já perceberam que o inimigo deles é poderoso?

Vocês estão procurando por mim, companheiros loriens?

Eu me viro para nosso Amado Líder e assinto.

— Estou pronto para conhecer o resto da minha espécie.